

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS – CCHN
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DEPGEO**

FABIANNE TORRES OLIVEIRA

**GEOGRAFIAS DA FEIRA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA-SE:
TERRITÓRIOS, NARRATIVAS E MARCAS DA CULTURA**

VITÓRIA
2010

FABIANNE TORRES OLIVEIRA

**GEOGRAFIAS DA FEIRA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA-SE:
TERRITÓRIOS, NARRATIVAS E MARCAS DA CULTURA**

Monografia apresentada junto ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho

VITÓRIA
2010

FABIANNE TORRES OLIVEIRA

**GEOGRAFIAS DA FEIRA NOSSA SENHORA DA GLÓRIA-SE:
TERRITÓRIOS, NARRATIVAS E MARCAS DA CULTURA**

Monografia apresentada junto ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel.

Aprovada em 14 de Dezembro de 2010.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a. Dr^a. Ana Lucy Oliveira Freire
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Gisele Girardi
Universidade Federal do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Sempre quis narrar ao mundo a Feira de Glória.

Inicialmente a vivia de modo tão cíclico e rotineiro que nem percebia uma geografia escondida entre seus corredores sempre lotados, não só de mercadorias, mas de sujeitos, pessoas com histórias, destinos e ritmos diferentes.

Comecei a me dar conta desse desejo à medida que eu pude percebê-la com outro olhar, como a própria miniatura do mundo e, sem perceber, já sonhava em pesquisar esse tema na universidade, suas diversas curiosidades, histórias e geografias, como se todos devessem conhecer esse apoteótico evento.

Muitos percalços e outras trajetórias fizeram-me afastar da concretização desse sonho, por isso agradeço ao meu companheiro Erly, por não me deixar esquecer a Feira de Glória e de me fazer perceber o quanto estudá-la me faria entender, não somente a sua geografia, mas a mim mesma enquanto sujeito da experiência.

Gostaria, também, de agradecer ao meu Irmão Miguel por decidir pela Geografia em seus estudos universitários e acompanhar-me na escrita e trabalho de campo que possibilitaram a feitura dessa monografia.

Agradeço, ainda, ao meu orientador, o Professor Dr. Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho que, sem ter nenhuma idéia de que um dia trabalharíamos juntos, teve o desejo de cultivar um sonho parecido com bastante dedicação e empenho.

“Eu ando pelo mundo
Prestando atenção em cores
Que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo
Cores!
Cores!

Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção
No que meu irmão ouve
E como uma segunda pele
Um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Ai, Eu quero chegar antes
Prá sinalizar
O estar de cada coisa
Filtrar seus graus [...]”.

Adriana Calcanhoto

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar práticas, discursos (materiais e simbólicos), ações e interconexões territoriais para, assim, entender as marcas da cultura presentes na feira livre de Nossa Senhora da Glória – alto sertão sergipano. A Feira de Glória, como é popularmente chamada, compõem-se como um cenário de tecer estórias e de coleções de trajetórias que acabam por marcar o espaço, que é, aqui, como múltiplo, aberto e híbrido, grafado pelas misturas de experiências e de formas de se imaginar e usar o lugar-feira. Este trabalho foi realizado através da observação e interpretação de diversas práticas cotidianas, ações, gestos e impressões dos próprios frequentadores, em que o uso das imagens fotográficas e da narrativa figuraram como instrumentos que puderam revelar as marcas subjetivas e territorialidades, foto-grafando os detalhes do cotidiano da Feira de Glória.

PALAVRAS-CHAVE: feira livre – marcas da cultura – território – fotografias

ABSTRACT

This research aims to study practices, discourses (materials and symbolics), actions and territorial interconnections, to understand the marks of culture present at the open fair of Nossa Senhora da Glória – in the sergipan semi-arid inland. The Gloria's Fair, as it is popularly called, is comprised as a backdrop to weave stories and collections of trajectories that eventually mark the space, which is here taken as multiple, hybrid and open, spelled by the mixture of experience and ways to imagine and use the fair-place. This work was conducted through observation and interpretation of various everyday practices, actions, gestures and impressions of their own patrons through the use of photographic images and narratives, which figured as instruments that could reveal the marks and subjective territoriality, photographing details everyday life of the Gloria's Fair.

KEYWORDS: open fair – culture marks – photographs

SUMÁRIO

Sumário.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA: ESTÓRIAS E TRAJETÓRIAS.....	18
3 O LUGAR-FEIRA: SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS E MARCAS DA CULTURA.....	24
3.1 A CHEGADA: (DES)ENCONTROS.....	24
3.2 IMAGENS: OS SUJEITOS E SUAS MARCAS.....	28
3.3 À NOITE: A FEIRA E SUAS TRAJETÓRIAS.....	37
3.4 O FIM INACABADO	44
3.5 UMA MANHÃ MOVIMENTADA.....	49
3.6 NO MEIO DA RUA TINHA UMA FEIRA.....	55
3.7 CORDÉIS: CANTAR E CONTAR FEIRA.....	59
4 FIM DE FEIRA.....	63
5 REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

Sempre gostei de ir à feira aos sábados. Adorava ver os móveis de brinquedo de madeira, queria montar minha coleção, “minha casinha”. Cada sábado era uma peça: uma mesinha, um armário, uma cama. Havia sempre uma boneca de pano com uma roupa diferente, o que já era um pretexto para a compra. Adorava, também, comprar doces na barraca da mulher de Dores¹, pés de moleque², queijadas, saquaremas... Mas eu não ia por causa de doces ou bonecas (apenas) e, mesmo mais tarde, não era para fazer a feira: eram os amigos da escola no boteco de comida, era a jaca que se desfavava na praça às risadas, os olhares perdidos das pessoas desconhecidas, os encontros e desencontros comigo e com os outros, conhecidos ou não. As imagens da feira sempre renderam boas histórias.

Minha mãe adora recontar o fatídico dia em que eu me perdi na Feira de Glória. Naquela manhã havia uma espécie de grupo teatral itinerante no meio da feira, tinha uma mulher dançando com uma cobra no pescoço, malabaristas, palhaços, tendas, mas o que eu gostei mesmo foi do homem com sua macaquinha chamada Chita, que fazia várias estripulias: rodopiava, dançava e com uma caneca saia pedindo moedinhas para o público. Como eu me encantei! Isso foi o suficiente para eu me distrair. Com pouca idade, as dimensões pareciam maiores, já não sabia em que banca minha mãe estava. A sorte é que meu avô, naquela época, vendia lavanderias de vigas de cimento, e pude utilizá-lo de referência para estranhos que me reconheceram, já chorando, em meio aquela multidão.

Mas não é apenas por isso, não se trata de bonecas ou de historinhas de mamãe. Trata-se justamente daquilo que me faz esquecer isso e me perder na feira: a macaca Chita. Claro que não era a imagem da macaca, mas o que ela me dizia de novo, o que várias coisas da feira me diziam de novo. Tanta coisa diferente para se

¹ Doces típicos vendidos por uma senhora que reside no município de Nossa Senhora das Dores, cidade do agreste sergipano.

² Diferente de outras localidades é um doce feito a base de mandioca e coco envolto em folha de bananeira.

ver! Nem parecia Glória. Mas era Glória. Mais do que se perder no espaço, perdi-me.

O meu lugar, este que relato histórias tocantes, que hoje aparecem como imagens, como um filme em minha mente, do qual narro experiências que me marcaram, com certeza, também deixaram marcas no espaço, no lugar-feira. São as minhas marcas. E as marcas das outras pessoas? daquelas outras que também viveram a feira? Os feirantes, o menino que leva as compras dos fregueses, a senhora que todas as manhãs de sábado faz a feira no mesmo horário, o motorista de caminhão que traz gente e mercadorias, os funcionários da prefeitura, que no final de cada feira limpam as ruas...

E se todas essas marcas, experiências, estivessem por “contaminar” as pessoas, umas às outras a todo instante? Num mesmo espaço? Estaremos por assim dizer que o espaço é criado através do hibridismo de várias trajetórias, de uma mistura de temporalidades, onde cada um irá pensar e agir sobre aquele determinado lugar.

Nesse pensamento, podemos dizer que a feira, a minha atuação sobre ela, marcou a mim e ao espaço, e eu não estava sozinha. Ela está repleta de outras marcas, marcas da cultura de outros que a vivem e a viveram, deixando para nós uma possibilidade de entender essa mistura de experiências grafadas na forma de se imaginar e usar o espaço: marcas simbólicas, relações de poder, territorialidades e pensamentos sobre aquele lugar.

O cenário desta monografia irá ser a Feira de Glória, situada na cidade de Nossa Senhora da Glória – alto sertão sergipano, onde buscaremos entender certas práticas e discursos, ações e interconexões territoriais que perpassam esse espaço. O que se propõe aqui é estudar as marcas da cultura, ou seja, as experiências inscritas no lugar-feira, as relações simbólicas e materiais expressas no espaço, em um “espaço múltiplo” (MASSEY, 2008).

Ao falarmos do espaço a partir das relações simbólicas, práticas e discursos que ocorrem nele, estamos propondo ficções alternativas de outros discursos e de outras expressões que não sejam apenas as ficções dominantes. Estamos também

falando de política. Uma política em que o sujeito apresenta o espaço e é representado por ele a partir dos seus próprios discursos e subjetividades, isso é, admitir que cada um tem e terá um forma de pensar e, dessa maneira, um modo de agir sobre seus territórios, que se superpõem, entrecruzam-se com outras formas e ações de agir sobre os lugares. Essa política a qual nos referimos é a micropolítica. Falando de um espaço a partir de um combinado de narrativas, de trajetórias, que não são somente as narrativas hegemônicas.

Quando se diz da feira enquanto espaços múltiplos, estamos partilhando da idéia da geógrafa inglesa Doreen Massey (2008). Para essa estudiosa, o espaço é uma simultaneidade de conexões de “estórias-até-então” e lugares; para nós, o lugar-feira são as coleções dessas histórias articuladas dentro de uma geometria maior de poder do espaço. O lugar será como pontos de integração de espaço e tempo, de coleções de trajetórias conexas e desconexas. Assim, de acordo com as palavras de Massey (2008, p.190), “[...] seu caráter será um produto dessas interseções, dentro de um cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões”.

Deste modo, o lugar-feira nos é aqui visto como cenário de tecer estórias, de coleções de trajetórias que acabam por marcar o espaço. Não estamos meramente nos remetendo à passagem do tempo sobre o lugar, mas sim de estórias em curso. Mas como estudá-las? Como grafar essas estórias tecidas e marcadas sobre o espaço? Estamos lidando com uma outra forma de geo-grafar o lugar, essa condição busca uma linguagem que também faça uma leitura perspicaz dessas práticas cotidianas que nos dizem sobre o espaço. Essa procura e sua resposta serão a partir dos próprios discursos do sujeito sobre o lugar, sobre seu modo de dizer o lugar: músicas, poesias, cordel e imagens.

Na sociedade contemporânea, faz-se muito do uso das imagens, mais propriamente da fotografia, como uma forma de grafia, de contar e de dizer sobre o espaço, usada não mais somente como registro do real, mas como meio de criar e revelar o mundo e as experiências que tiramos dele, o olhar, o ângulo, o momento, coisas do instante, do sujeito, do inaudito; “[...] partindo do princípio de que elas

atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos” (OLIVEIRA JR., 2009, p.18). É justamente desta maneira que faremos uso das imagens: como uma precipitação (na acepção da química) do mais particular de nossas experiências, da mais íntima relação que temos com as marcas que a cultura nos imprime e como uma forma de educarmos o olhar, no sentido de construirmos um pensamento a partir do que vemos. Trata-se de uma proposta de imaginarmos o espaço, já que “não se pode possuir a realidade, mas pode-se possuir as imagens (e ser possuído por elas)” (SONTAG, 2004, p.180).

Susan Sontag acrescenta elegância a esta proposta, do uso das imagens, em seu livro *Sobre Fotografia*, no qual nos afirma que “Tais imagens são de fato capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real [...]” (2004, p. 170). Essa ideia do ‘decalcado do real’, faz-me lembrar dos decalques do “prezinho”; daquelas técnicas que a professora nos pedia para colocarmos uma moeda sob uma folha de papel e em seguida passássemos o giz de cera sobre a folha. O resultado era um decalque – uma imagem borrada do giz de cera com marcas intensas de certas características do objeto que estava por debaixo. Não era uma reprodução dele, não era uma cópia ou um desenho, mas uma saturação, uma turgidez das características mais intensas do objeto, sendo assim, não o real, mas um registro de intensidades do real. Essa lembrança parece ser uma boa definição do que seja um decalque e vem lá do prezinho. Assim, se as imagens são o decalque do real, elas assim serão como marcas da experiência, marcas espaciais, capazes de permitir que vejamos as intensidades das práticas e dos discursos territoriais.

Esse decalque da realidade, verificado nas imagens, “[...] não consiste em ver a imagem como uma coisa real; imagens fotografadas dificilmente são tão reais assim. Em vez disso, a realidade passou cada vez mais a se parecer com aquilo que as câmeras nos mostram” (SONTAG, 2004, p.177). Um exemplo disso foi quando usamos anteriormente a expressão “[...] hoje aparecem como imagens, como um filme em minha mente” para narrar às experiências na Feira, como se só contar as qualificações não bastasse. É exatamente a partir desse ponto que pensamos no

uso das imagens para grafar o espaço. Fazê-las como mediadoras das práticas do cotidiano, de usos e discursos do que se diz sobre o lugar, como marcas da experiência e para a experiência.

Nosso estudo sobre a Feira de Glória está traduzido nos cardápios de comidas típicas, nas bancas de remédios milagrosos, livros de cordel, artesanato, cerâmica, artigos de couros, panelas, legumes, frutas, bancas DVD's e CD's, venda de animais vivos e abatidos, roupas, produtos eletrônicos e outras quinquilharias. São também misturas de localismos e territorialidades percebidas nos diferentes sotaques, transportes, fisionomias e nas distintas origens e marcas de seus produtos. A descrição desse cenário me faz lembrar uma música cantada por Luiz Gonzaga, *Feira de Caruaru*. Leia-se a primeira estrofe:

“A Feira de Caruaru,
Faz gosto a gente vê.
De tudo que há no mundo,
Nela tem pra vendê,
Na feira de Caruaru.”

É na feira também aonde iremos nos deparar com as intensidades e os decalques do lugar, percebidos em uma série de ações, de afetos e de gestos dispostos em uma série de micro-eventos - interações entre os personagens que compõem os espaços públicos e os espaços privados, tornando-se como uma maneira de viver o espaço público através das interrelações na feira livre, tal como afirma Viviane Vedana (2004): desvendados nas disposições das bancas, nos diversos ritmos e caminhos escolhidos para fazer o percurso, nas jocosidades, nas conversas dispersas, nos sons, nos cheiros e nas performances e jogos corporais para atrair os clientes. Movimentos sentidos e vividos em meio ao turbulento dia de feira e que também acaba revelando várias temporalidades, significados e dimensões do espaço.

Assim, ao lidarmos com este pensamento, também estamos acolhendo a feira como espaço híbrido, constituído por um emaranhado de territórios e territorialidades que se articulam recriando territórios e práticas culturais. Isso é possível quando presenciamos e descrevemos a hibridez de espaços gerando como produtos territorialidades e novos localismos.

Percebemos, aqui, uma interpretação de território enquanto conjunto integrado de materialidades e imaterialidades, ou seja, de delimitações precisas e áreas de dominações estabelecidas como também de descontinuidades, de fronteiras não definidas, fluidas e subjetivas.

É ainda nesse lugar que podemos entender os espaços de misturas de territórios que se conectam e se contaminam, em relações que ora se deixam contaminar pelo chamado “espaço global”, ora tensionam-se. Como aponta Massey (2008, p.144) “[...] não é possível nem fechamento hermético, nem um mundo composto apenas de fluxo (sem estabilizações, sem fronteiras de qualquer tipo)”.

A Feira de Glória se configura como o lugar de escolha para o recorte proposto nesta pesquisa, por ter me apresentado, de forma ávida, essas relações territoriais, materiais e simbólicas, que se tornam visíveis num modo de pensar, imaginar e viver um espaço intensamente saturado, propício para que alguém se perca, até mesmo de si próprio. Esses elementos serão grafados pela linguagem das imagens fotográficas. Será por essa grafia que iremos olhar esse espaço híbrido, criado e vivido sob um complexo de falas, ações, movimentos, olhares, ruídos e relações de poder que permitem formações e reapropriações territoriais, bem como a permanência de identificações e práticas culturais que, por estarem em espaços abertos, são passíveis de mudanças e (re) invenções.

Para isso, reiteramos o objetivo deste trabalho: estudar as geografias da feira livre Nossa Senhora da Glória, localizada no sertão sergipano, com o propósito de refletir sobre suas práticas sociais, discursivas, materiais e simbólicas a partir das relações territoriais ali estabelecidas. Assim, buscaremos mostrar em imagens a relação território-lugar, tendo como eixo articulador a ideia de territorialidade - tributo da diversidade das práticas sociais e de poder -, consolidada a partir de uma dada imaginação político-espacial e descrever a feira a partir de seus frequentadores,

suas ações, seus gestos simbólicos e suas relações de significação com o lugar-feira para assim chegarmos às marcas da cultura.

Esta pesquisa tem como base estudos específicos e conceituais que envolvem as temáticas de relações territoriais, espaço, feiras livres, marcas culturais e grafias do espaço. Entre as principais leituras, destacam-se a de Vedana (2004) - *Fazer a Feira: estudo etnográfico sobre as “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre - RS*, e a de Marcos Antônio Alves de Araújo e Ione Rodrigues Moraes (2006) – *Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)* como suporte teórico para entender as feiras livres como espaços reveladores de práticas sociais.

Para compreender esses espaços de multiplicidades, as relações territoriais, materiais e simbólicas e, principalmente, para mostrar formas de imaginar esses espaços através das imagens (fotografias) serão selecionados alguns autores como: Susan Sontag (2004), Rogério Haesbaert (2004 e 2006), Bauman (1999), Doreen Massey (2004), Gaston Bachelard (2008), Wencesláo Machado de Oliveira Jr.(2008 e 2009) e Antonio Carlos Queiroz Filho (2009 e 2010).

Vistos como uma base fundamental do trabalho, os textos selecionados são instrumentos capazes de nos levar a uma maior sensibilidade e a uma busca da imaginação que nos faz criar e (re)fazer nossos próprios caminhos. Logo, a teoria não será vista aqui como algo intacto e já pronto. A ideia é tentar assumir a feira não a partir de teorias e análises já estabelecidas, rígidas e, por isso, difíceis de ser recriadas, reescritas e “revisitadas”.

Não se trata de desprezar as teorias e categorizá-las como ultrapassadas, mas de tomá-las como códigos e apontadores para nossas discussões. Wencesláo de Oliveira Jr. (2008), em suas reflexões sobre Gastón Bacherlard (2008) nos orienta para um desprendimento da teoria enquanto leitura já concluída

[...] Aqui está feita toda a reserva que se deve ter às teorias – ou mesmo às experiências – não porque sejam teorias – uma vez que uma teoria pode nos levar a imaginar – mas porque nossas tradições acadêmicas têm tomado as teorias como fórmulas já prontas para se pensar o mundo e não como pistas, pontes, caminhos para se exercitar a ação

imaginante de criar, associar, deformar imagens (OLIVEIRA JR, 2008, p. 06).

Dentro dessa idéia, as teorias aparecerão diluídas no decorrer do trabalho, mescladas entre as análises associações textuais e fotográficas, não havendo assim, o clássico capítulo dedicado somente ao referencial teórico.

Como já foi dito antes, a grafia do espaço será feita através por meio de imagens fotográficas como procedimento metodológico revelador de marcas subjetivas a respeito de uma realidade. Tais imagens tornam-se necessárias para representar as práticas cotidianas do lugar-feira. O uso das imagens é aqui entendido como memória não escrita e por isso, também, confere liberdade de interpretação e de imaginação aos leitores visuais. Para Sontag (2004, p.14), “As fotos são, de fato, experiência capturada, e a câmera é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva”.

Dessa forma, as fotografias não são serão apenas memórias vistas no papel, mas sim a mais legítima apreensão do mundo na singularidade do olhar, uma possibilidade de adensamento de nossa compreensão das relações espaciais, dos diversos e múltiplos lugares e experiências vividas, sentidas e marcadas no espaço. Justificando esses pressupostos teóricos, Oliveira Junior (2009, p. 23) afirma que “Se concluirmos que o lugar não é um dado em si, mas produto das tensões e das disputas entre as muitas práticas e narrativas que se dobram sobre ele, concluiremos também que, nos dias que correm, conhecer o espaço é também pensar sobre como ele é inventado diariamente diante de nós pelas câmeras fotográficas [...]”.

Considerando essa visão, podemos pensar que os que vivem a feira são “sujeitos da experiência”. Sobre esse aspecto, Jorge Larrosa Bondía (2002, p.24) defende que “O sujeito da Experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”.

Logo, esses sujeitos, na minha percepção, portando uma câmera durante o processo de pesquisa de campo, em Nossa Senhora da Glória - SE, são capazes de capturar os significados do lugar-feira e de ressignificá-lo. Por isso, esses atores sociais (feirantes, passeantes, fregueses), no qual me incluo, são agentes ativos desse processo, compartilhando e divulgando o lugar-feira. A escolha desses atores será aleatória e realizada de modo informal, mediante permissão para se deixarem fotografar e retratar o que acreditam significar e definir o que é a feira.

As pessoas, “sujeitos da experiência”, não farão parte de um experimento, mas de um decalque de suas experiências para analisar seu espaço. “Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (BONDÍA, 2002, p. 28). E é exatamente essa pluralidade e multiplicidade espacial e sensitiva que queremos assumir.

Partindo desse contexto, a pesquisa está estruturada em uma introdução, dois capítulos e as considerações finais – “Fim de Feira”, levando em consideração que, por ser tratar de uma pesquisa-campo qualitativa, a nossa escrita reflete as marcas da oralidade típicas dos atores envolvidos no lugar-feira, ou seja, tal uso dessas marcas são as representações sociais, políticas, simbólicas e territoriais de se falar sobre lugar.

O primeiro capítulo é uma descrição narrativa apresentada através das observações atentas do cotidiano da feira, seus movimentos, sentidos e tensões. É a síntese espacial das “historias e estórias” do lugar-feira inscritas na minha memória. Essa narrativa buscará captar os diversos movimentos que compõem o universo da Feira de Glória, enfatizando as práticas e relações sociais do cotidiano que envolvem os movimentos imaginativos. A imaginação é aqui encarada como o desprendimento das imagens enquanto rotina e trivial que, bem colocadas nos escritos de Bachelard (2008), nos remete ao encontro da imagem enquanto desassossego, choque e susto. Oliveira Jr.(2008) em seu artigo sobre os escritos de Bachelard, nos mostra o quanto é importante estarmos atentos ao que vemos, pois, de acordo com suas observações, “[...] é importante que o pesquisador esteja atento

às reverberações daquilo que estuda, às imagens a que ele se dedica, para que os ecos disso em sua vida pessoal lhe tragam outras imagens que se associem às primeiras e lhe tragam outras possibilidades de entendimento e poesia, outras camadas de sentido, outras ressonâncias culturais” (2008 p. 1239).

Deste modo, esse capítulo inicial trará as territorialidades e as territorializações, marcadas na própria autora do trabalho, através de uma narrativa descritiva das relações imateriais, materiais e simbólicas, servindo de substrato para os demais capítulos.

No segundo capítulo, analisaremos as imagens como reveladoras de certas formas de se imaginar o espaço como marcas de experiências. É nesse capítulo que “imagearemos” o espaço, ou seja, descreveremos as imagens não no sentido técnico de obter ou capturar imagem por meio de equipamento, mas sim no sentido de captar os “[...] sentidos técnico-culturais de produção humana, de ação sobre o mundo, de criação de mundos, de grafias do espaço... de espaços” (OLIVERIA JUNIOR, 2009, p. 25), de perceber olhares, os recortes que os olhares fazem no espaço. Buscaremos também geo-grafar o lugar-feira a partir das práticas cotidianas dos seus frequentadores e dos diversos discursos utilizados como modo de descrever o lugar, usando a narrativa dessas práticas sociais para se conhecer as marcas da cultura e as relações territoriais existentes na Feira de Glória.

2 SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA: ESTÓRIAS E TRAJETÓRIAS

Redescobri assim aquilo que os escritores sempre souberam (e tantas vezes disseram): os livros falam de livros e toda história conta uma história já contada.

Umberto Eco

Já é quase meio dia da sexta-feira. O calor é intenso no Sertão de Nossa Senhora da Glória; as bancas da Ceasa, e algumas que ficam nas ruas do seu entorno, começam a ser montadas para mais uma semana de feira-livre. O cenário ainda não é o definitivo, mas já é possível encontrar alguns ingredientes para fazer o almoço ou até fazer uma refeição num boteco³.

O sol escaldante começa a “dar um tempo”, aumenta o fluxo de caminhões, carros e caminhonetes que, pelas suas placas, evidenciam ser do interior do município ou de municípios vizinhos. São mais feirantes chegando, trazendo mais vendedores de verduras, de frutas, hortaliças, cereais, legumes e outros alimentos. Muitos, simplesmente, “despejam” suas mercadorias no chão, pois não são vendedores cativos e estão ali somente para vender o excedente da produção, enquanto outros ocupam o seu lugar demarcado e arrumam suas bancas de madeira e lona.

A “feira de sexta” começa a ganhar forma; ela ainda não está na sua totalidade e nem pretende ficar neste dia. “Fazer a feira” na sexta foi um hábito construído pelos moradores da área urbana da cidade que, aproveitando a chegada de alguns produtos para abastecer a Ceasa para a feira de sábado, passaram a procurá-la para antecipar suas compras semanais.

No crepúsculo, a “feira de sexta” está no seu auge. São senhoras com seus carrinhos, meninos oferecendo frete, barulhos de buzinas de caminhão e comerciantes oferecendo seus produtos, disputando o espaço numa aparente desordem. A feira ganha sua ritmicidade, um espaço público onde circulam

³ Espécie de tenda-restaurant improvisada no meio da rua.

experiências vividas, práticas sociais e territoriais, cenários de múltiplos gestos, movimentos, olhares, polifonias e usos.

Às vinte horas alguns feirantes começam a desfazer suas barracas, os fregueses começam a ir embora e a feira parece silenciar. Porém, para alguns feirantes, os que possuem barracas fixas no entrono da Ceasa, o fim da “feira de sexta” não representa a volta para casa, pois muitos passam a madrugada ali mesmo, dormindo debaixo de suas barracas ou em cima dos caminhões, guardando suas mercadorias para a “feira de sábado”.

À noite, a feira para, mas não deixa de existir; ela apenas se aquieta um pouco e transforma-se em um enorme acampamento de pessoas em uma incursão seminômade. É no final da “feira de sexta” que alguns feirantes conseguem encontrar um tempo para bater um papo, tomar uma cachacinha, assistir televisão e comer algo no boteco de comida, única barraca que continua aberta. Além dos feirantes, os botecos de comidas também recebem os estudantes das escolas próximas, que no final das aulas aproveitam para dar uma parada e comer um pouco de carne do sol, tomar uma tubaína⁴, e ainda bater um papo antes de ir para casa.

Os botecos de comida são grandes tendas (barracas) de madeira e de lona improvisadas nas calçadas e ruas nos dias de feira. Dentro delas seus donos preparam as refeições que irão ser vendidas e consumidas pelos seus freqüentadores (feirantes, visitantes e fregueses da feira) – dando testemunho da extensão da feira, que requer montar sua própria infraestrutura para dar sustentação aos feirantes.

Seu cardápio é bastante variado e bem típico do sertão nordestino, sendo que há uma pequena variação entre o que é servido no almoço e na janta. Geralmente, é possível encontrar feijão, carneiro cozido, sarapatel de porco, buchada de bode, galinha da capoeira⁵ e carne assada, para o almoço. Na janta, são oferecidos outros pratos como a macaxeira cozida, cuscuz de milho e inhame. Além da tubaína, são servidos café e algumas bebidas alcoólicas. A comida é

⁴Refrigerante popular vendido a baixo custo.

⁵ Conhecida também como galinha caipira.

preparada ali mesmo em um fogão tradicional ou fogareiros a brasa e servidas em uma ou duas grandes mesas e as pessoas se assentam em um extenso tamborete, de frente uma das outras.

A madrugada no sertão é quase sempre muito fria. Para proteção, os feirantes que dormem embaixo das barracas trazem cobertores e colchonetes, fechando as laterais de baixo das barracas, de modo a impedir a passagem do vento frio. Muitos vêm acompanhados para passar a noite, é comum alguns trazerem maridos, esposas, filhos e amigos para dividir a madrugada. Além dos botecos, utilizados para a descontração, muitos vêm acompanhados de aparelhos de rádio para ouvir música. A escolha do repertório varia de Legião Urbana à música sertaneja, de forró à vaquejada.

Enquanto alguns dormem, outras bancas começam a ser erguidas nas ruas Pedro Alves Feitosa, Lourival Batista e na Praça Filemon Bezerra Lemos. As Carnes começam a chegar ao antigo Mercado Talho de Carne Verde e as bancas já transbordam a extensão dos arredores da Ceasa. Elas [as bancas] são apenas estruturas, “esqueletos” enfileirados, mas já anunciam cenários futuros de dinamicidade, coletividade, sons e imagens, fazendo com que essas ruas deixem de ser somente as ruas tal e qual, passando a serem chamadas de ruas da feira – ressignificação explícita do que a feira promove no espaço.

Junto com os primeiros raios de sol, chegam os caminhões paus de arara, ônibus, caminhonetes, carros de passeio, motos e carroças trazendo os comerciantes, feirantes e visitantes de povoados e municípios vizinhos e até mesmo de outros estados. Esses serão os atores formadores da “feira de sábado”, que a partir de suas relações com meio, experiências vividas e suas práticas cotidianas comporão outro(s) espaço(s).

Ainda cedo, começa a feira dos animais vivos como: galinhas de capoeira, galos, porcos, carneiros e animais de caça como teiús⁶, pássaros, tatus e até cobras. Esses animais são vendidos para atravessadores e varejistas, que disputam os melhores animais e os melhores preços. Essa é uma faceta curta da feira, pois os

⁶ Réptil do tipo Lagarto.

vendedores conseguem apressar e vender suas iguarias até, no mais tardar, às oito ou nove da manhã.

A “feira de sábado” inicia-se de forma diferente - mais agitada, barulhenta e diversa -, remetendo-nos a uma imensa paisagem sonora e visual. Ela é o espelho dos diferentes grupos sociais definidos pelos particularismos e pelas mudanças territoriais, onde se encontra lado a lado a globalização econômica, a (re) construção de identidades e exclusão sócio-econômica, segundo afirma Haesbaert (1995).

Na esfera humana, observam-se senhorinhas com lenços nas cabeças, vestidos de algodão estampado e sandálias rasteiras; senhores com chapéus de couro, calças de linho e botas; jovens e adultos comprando bonés, roupas e calçados da moda. Trata-se de um cenário de intensa mobilidade, cores e biotipos que retratam a diversidade local e marcam a territorialidade com imagens contrastantes e impactantes.

Nessa paisagem complexa, de múltiplas faces, competem pelo mesmo espaço vendedores de remédios milagrosos e ervas medicinais, doces típicos, queijos feitos no município, folhetos de cordel, artesanato de cerâmica, bordados, brinquedos de madeira, artigos de couro (celas, rédeas, arreios, chapéus de couro, coletes, sandálias e botas), chapéus de palha, cordas, esteiras, painéis, lamparinas, armas brancas e outras quinquilharias; além dessa face intrarregionalista, há o universo *fashion e high tech* de roupas sintéticas - clones baratos de grifes da moda-, videogames, celulares, brinquedos eletrônicos, enfim, toda sorte de eletroeletrônicos nacionais e importados de origem fiscal duvidosa.

O público adolescente desta feira procura, em bancas e carrinhos de mão, CDs e DVDs piratas de bandas e filmes internacionais; enquanto os fregueses interioranos procuram CDs e DVDs com temas sertanejos, vaquejadas e cangaço; além de artigos relacionados aos rodeios da Região Sudeste. Estes costumam amontoar-se ao redor das bancas para assistir ou ouvir seu DVD ou CD predileto, enquanto aquele age de maneira mais objetiva: compra e se retira.

Entre as filas de bancas são vislumbradas cenas e interações: encontros entre vizinhos de bancas, fregueses e comerciantes que não se veem desde a

última feira, brincadeiras de feirantes com seus fregueses, gente se acotovelando, garotos gritando oferecendo frete, vendedores lendo cordéis e lendas sertanejas, entre outros itens. A feira é também o espaço dos “inesperados, mas previsíveis” encontros de compadres, comadres, vendedores e fregueses que só se encontram ali, tendo como pano de fundo o barulho de animais, cheiros de buchada, macaxeira, salgados, couros, frutas e verduras.

As fileiras das bancas logo viram corredores lotados – em uma mesma rua são criadas duas ou até mesmo três filas de bancas –, algumas chegam a tomar as calçadas que, com o tempo, mais se assemelham a labirintos humanos onde cada um parece ter um itinerário e um ritmo diferentes. Alguns caminham lentamente, observando os produtos a serem comprados, parando para conversar com outros fregueses e feirantes, outros parecem já ter traçado sua trajetória caminhando rapidamente. Quanto aos diferentes percursos, muitos tomam o sentido Mercado de Talho de Carne para o Ceasa, enquanto outros preferem o sentido contrário ou até mesmo outra rota.

Em outro ritmo, estão os passeantes ou os fregueses “desatentos” no “fazer a feira” que ora param em uma barraca de compras, ora param em uma barraca de jogos de azar [jogos de roletas, cartas e argolas], na banca dos fumos, das cachaças, nas de pastéis e botecos de comida. É um público diverso, multifacetário e difuso que se espalha e se ajunta num dinamismo cultural, que evidencia as marcas do “espaço-feira” como o *locus* de socialização e territorialização.

Não tarda muito, por volta das 15h30min, os corredores de bancas começam a desacelerar, na verdade, eles – os seus atores - estão voltando para os seus aconchegos e suas “lidas”. Os feirantes guardam suas mercadorias em caixotes de madeira, empilhando-os em seus veículos preparando-se para outras feiras em outros municípios e os fregueses, fazendo um movimento de retorno, levam para suas casas as mercadorias e as experiências adquiridas na Feira de Glória, tal como os feirantes.

A calma anuncia o fim da feira, entram os funcionários da prefeitura para limpar as ruas, enquanto seus fregueses, na intimidade de suas casas, arrumam suas “feiras” e preparam seus alimentos. A manipulação desses alimentos e o seu

preparo parecem apresentar um caráter ritualístico de renovação da feira, que, em gestos cíclicos, sempre aciona a chegada e o fim de uma nova semana de feira. Esse ritual é um prenúncio de que a vida continua e de que a feira é um espaço vivo capaz de transformar o trivial em inusitado, o grotesco em um espetáculo de imagens.

Assim, as imagens produzidas na infância, desde o momento em que me perdi na Feira de Glória, quando me encantei com a imagem da macaca e com os brinquedos de madeira hoje se mesclam com outras imagens, com outras marcas, compondo um mosaico de “histórias e estórias” centrado em narrativas de práticas cotidianas, que fizeram o “lugar-feira” perpetuar na minha memória e transformar-se em objeto de estudo desta pesquisa.

3 O LUGAR-FEIRA: SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS E MARCAS DA CULTURA

3.1 A CHEGADA: (DES)ENCONTROS

*“As andorinhas voltaram
E eu também voltei
Pousar, no velho ninho
Que um dia aqui deixei [...]”*

Barretinho

A idéia de retornar à Feira de Glória como pesquisadora tem um caráter científico distanciado das lembranças da menina que se encantara com as manifestações sociais de outrora, embora sejam essas memórias o motor propulsor desta investigação, fato este que me levou a revisitar lugar-feira e a pesquisá-lo com outro olhar.

Finalmente eu estava lá! Cansada pela longa viagem e enfrentando o calor sertanejo - o ônibus marcava 38° -, com um sol, para mim, mais quente do que nunca. Agora, o lugar-feira não é mais o espaço para fazer um relato de minhas memórias sobre o lugar, mas para viver o presente, presente este formado por sobreposições e entrelaçamentos de reminiscências, ou seja, trata-se de um presente impregnado de outras histórias, de outros tempos.

Estava ali a pesquisadora para compreender um lugar que seguiu sem sua presença. Quantas histórias já se passaram? E a feira que existia e que eu deixei pra trás já não é a mesma. Afinal, como Massey (2008) afirma, os retornos são sempre para um lugar que se transformou, eles são como adição de encontros, não são como pontos fixos, mas como integrações de espaço e tempo.

Assim, tanto as pessoas como as andorinhas podem até voltar, mas não encontram seu “ninho” do mesmo jeito, porque as intervenções humanas e naturais já o transformou. “É irremediavelmente, aqui e agora. Não será o mesmo “aqui” quando não for mais agora” (MASSEY, 2008, p.201), o que, com certeza, significa procurar o que já não existe ou que já foi modificado.

Assim, cheguei à feira. Era uma sexta-feira, primeiro dia da Feira de Glória, ela parecia calma. Comecei a caminhar com uma máquina fotográfica, um pequeno caderno e um gravador. Meu percurso tinha o objetivo de tentar entender aquele lugar, suas grafias e marcas da cultura. Com um roteiro não fechados, e com o uso de um pequeno gravador eu ia fazendo algumas perguntas já organizadas anteriormente, mas que no decorrer da conversa ia se transformando, quase sempre, em um bate papo. Entre as principais perguntas estavam: “De que município o Senhor ou Senhora vem?” “Seus pais, seus avós também freqüentavam esta feira?” “Por que você escolheu esta feira?” “O que você vem fazer na feira?” “Além de fazer a feira, o que mais lhe atrai na feira?” “Do que você mais gosta?” “Do que não gosta na feira?” “O que significa a feira para você?”.

Nesse clima de informalidade, encontrei-me com “uma outra” Feira de Glória, embora eu estivesse sentada em um boteco de comida, como os muitos que haviam no passado e que ainda habitam a minha memória. As diferentes imagens da feira, inicialmente, pelo olhar geográfico, eram previsíveis, mas do ponto de vista do sujeito inscrito nessa moldura foram uma surpresa.

Como era hora do almoço, a minha porta de entrada foi a banca de comida. Sentei em um tamborete de umas das diversas bancas de comidas que se encontravam enfileiradas em posição frontal ao mercado e pedi uma “tubaína” que, para a minha surpresa, uma senhora que parecia ser a dona, respondeu que não vendia aquele refrigerante, só “coca, guaraná e fanta”. Pedi o mais gelado, enquanto pensava: Não tem tubaína? É... Este lugar já não é o mais mesmo.

Bebendo o refrigerante, encontrei o meu pai que saíra do trabalho com seu colega que, por coincidência, também estavam almoçando naquela mesma banca, pois já conheciam a dona do boteco. Os dois sentaram-se à mesa e pediram o almoço. Era a minha oportunidade de conhecer um pouco mais daquela prática cotidiana. Meu pai logo me apresentou à senhora, seu nome é Maria Antônia⁷. Ela se mostrou muito simpática, mas tive receio de fazer algumas perguntas naquele momento, pois seus tamboretos estavam repletos de clientes. Pus-me somente a observar como trabalham e como se (com) portam os donos de bancas e fregueses.

⁷ Os nomes das pessoas que utilizo nesta monografia foram substituídos por nomes fictícios, com exceção daquelas que se deixaram fotografar.

O boteco de comida era disposto, basicamente, por três grandes mesas e alguns tamboretos. A parte interna compunha-se de um freezer, um fogão, uma churrasqueira a carvão, mesas internas onde se preparam os alimentos e outra onde eram lavadas as louças e panelas. No chão, estavam alguns caixotes de comida e toneis de água, caracterizando marcas de personalidade. Observa-se nessa cena uma nítida relação de “espaços públicos” e “espaços privados”, a feira é pública, mas a disposição das bancas distingue o limite dos espaços públicos, ao alcance dos fregueses; e os privados, onde se dão o trabalho, assinala sociabilidades e relações que não são explícitas ao público de forma geral, como nos alude as fotografias abaixo.



FOTO 1 – Vista interior do boteco

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



FOTO 2 - Vista exterior do boteco

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010

Em termos gerais, as feiras livres são dinamizadas por filas de bancas formando corredores públicos por onde perpassam diversas trajetórias de passantes e por trás das bancas fecham-se pequenos espaços, geralmente entre o boteco e a calçada, onde os feirantes os tomam como particulares, como espaços privados. Esses recintos são assim caracterizados por conterem objetos de uso particular e por ser a área de trabalho dos feirantes.

A feira livre é, portanto, uma fusão dos espaços públicos e privados que, por uma dinâmica própria, intrínseca à natureza desse tipo de evento, mantém seus limites preservados.

No caso da feira livre, o espaço interno da banca “funciona” como um lugar intermediário entre as formas de sociabilidade e a apropriação do espaço que acontece “nos corredores”, na rua, e um espaço mais íntimo, no âmbito até mesmo das relações familiares que ocorrem na parte interna. Não se trata, neste caso, de uma “privatização” do espaço público por estes feirantes, mas de práticas sociais que re-significam o lugar em dias de feira, estabelecendo alguns territórios de circulação irrestrita e outros com algumas restrições. (VEDANA, 2004, p.54).

Respeitando esses limites, infere-se que as ressignificações incorporam manifestações e elementos que se imbricam numa rede social, demarcando territórios, definindo atitudes e instituindo conflitos, rupturas, encontros e desencontros. Trata-se, portanto, de uma visão espacial das práticas cotidianas instauradas no lugar-feira – instância cíclica de sobreposições de imagens dos universos material e imaterial.

Ela – dona Maria Antonia - atendia com mais duas jovens e um senhor, que logo depois descobri se tratarem de suas filhas e seu marido, todos faziam várias coisas ao mesmo tempo, mas cada um parecia ter funções determinadas. A senhora parecia chefiar o comércio, ela servia a comida e recebia o dinheiro enquanto batia papo com os clientes que estavam almoçando. Logo quando a frequência de fregueses diminuiu, aproveitei para puxar conversa com a senhora sobre o bate-papo que ela estava tendo com os outros clientes.

Maria Antônia - *Ai, menina! Eu adoro isso aqui, a gente trabalha e se diverte.*

Além disso, ela nos disse que os frequentadores da sexta-feira eram os feirantes e motoristas que estavam montando suas barracas (Foto 3) ou que já estavam vendendo nos arredores da Ceasa, mas também muitos moradores que trabalham ali perto, no centro da cidade, já estavam se servindo ali. Perguntei a que horas ela encerrava a jornada e, rindo, me disse que ali ficaria aberto 24 horas. Prometi uma visita mais à noite.

Já era uma e meia da tarde, a chamada feira das frutas e verduras já estava quase pronta, no interior da Ceasa já estava tudo montado, mas na sua parte

externa ainda havia algumas bancas sendo armadas e caminhões ainda chegavam com produtos agrícolas, conforme atesta a foto abaixo. Apesar disso, já havia algumas pessoas fazendo a feira.



FOTO 3 – Feirantes montando suas barracas

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Na foto acima, observamos a dinâmica da montagem das bancas como uma manifestação de ocupação do território, definindo-o como um domínio de relações intersubjetivas, que incorporam aspectos humanos e econômicos, provocando, desse modo, um fluxo de continuidades e rupturas.

3.2 IMAGENS: OS SUJEITOS E SUAS MARCAS

Nos arredores da Ceasa também havia outras bancas que não somente as habituais do mercado e dos botecos de comidas. Eram as bancas de doces regionais e salgados, de DVDs e CDs. Uma delas me chamou atenção (FOTO 4): estava diante de uma banca que se destacar das demais por ter um material diferente das outras que são feitas de madeira e, principalmente, por ter uma grande quantidade de propagandas de estabelecimentos comerciais da cidade.



FOTO 4 – Barraca de salgados com propagandas

Autora- Fabianne Torres Oliveira, em out. 2010.

Estava diante de um lugar que queria falar de si mesmo (no sentido de chamar a atenção) e outros dos lugares. As imagens de propagandas na banca de salgados não estavam apenas servindo como meio de comunicação/produção a favor da mídia, mas também estão como “imagens-que-dizem-do-mundo” que

querem ser vistas como o próprio real manifestando-se diante de nós, numa espécie de tentativa de serem tomadas como “informações-em-imagens” (OLIVEIRA JR., 2009). A imagem aqui até pode ser entendida como estratégias de incentivo ao consumo por meio da fotografia, mas que, de certo modo, estavam também a serviço da divulgação do lugar, ou seja, são imagens que “dizem sobre o lugar”

Compreende-se aqui também a imaterialidade de fluxos informacionais que percorrem as redes da atualidade e que é importante para o entendimento de um território que não mais se circunscreve a uma materialidade delimitável e fechada. “A banca-propaganda” constitui-se como território, enquanto conjunto integrado de materialidades e imaterialidades, ou seja, de delimitações precisas e áreas de dominações estabelecidas como, também, de discontinuidades, de fronteiras não definidas, fluidas e subjetivas.

Refletidas em uma banca no meio da feira, as “imagens-propagandas” chamam a atenção para os diversos fluxos informacionais que perpassam o lugar, ao mesmo tempo, que capturam as práticas cotidianas de apropriação do espaço público, marcas do lugar, marcas do consumo; é um domínio de divulgação que, a princípio, parece destoar da essência do evento, mas que remete a outras práticas sociais do lugar-feira em questão.

Aproveitei essa situação para fazer uma entrevista com o vendedor daquela barraca. Bastante solícito com as perguntas, Valdo, 22 anos, se apresentou como um dos donos do comércio; ele era o irmão mais novo da família e tem uma sociedade com o irmão mais velho e a cunhada (que não estavam no momento, mas que revezam nos dois dias de feira); e, além deles, ajudam na venda os sobrinhos, filhos do seu irmão. Ele me disse que trabalhava ali apenas há nove meses e que era o seu primeiro trabalho como feirante. A banca iniciou quando seu irmão, que trabalhava antes em uma lanchonete, resolveu abrir aquele ponto comercial na feira. Quando perguntei sobre as propagandas nas bancas, ele disse que foi ideia do irmão e que eles receberam patrocínio daqueles centros comerciais. Indagado sobre o que gosta e o que não gosta da feira, Valdo, com muita naturalidade, expressa suas impressões:

Valdo - *Gosto de Tudo, Não sei nem explicar... aqui tem aquele calor de amizade com qualquer pessoa. Tem gente de todo tipo, vem gente fora, turista, de todo canto vem gente pra cá. Aparece gente da Bahia pra cá, até de São Paulo.*

Nesse momento chega a dona da barraca de comidas, com quem eu havia acabado de conversar. Ela pediu um suco. Perguntei-lhe: - A senhora por aqui? Nesse momento, Valdo interfere com uma fala confirmando que aquele espaço era realmente uma organização com intenso fluxo de encontros não furtivos, mas socialmente demarcados, como se comprova na reprodução da fala de Valdo.

Valdo - *Aqui é uma rede, todo mundo se conhece! A gente é freguês e ao mesmo tempo feirante.*

Depois disso perguntei a ele por que as pessoas escolhem essa feira, ao que me respondeu com muita descontração:

Valdo - *Você pode ir a qualquer banca aqui, o dono já chega te cativando. É qualquer banca, todos aqui atendem muito bem os fregueses, já cativa com o jeito de falar com os fregueses. É uma feira que vem muita gente de fora pra cá, é uma feira boa. Para mim é uma das melhores de Sergipe.*

Com Valdo, senti que era o momento de pedir o que considerava o mais complicado: que o feirante tirasse uma foto do que significa a feira para ele. Ela, a fotografia, atuaria como meio de contar e dizer sobre o espaço, das narrativas [em imagens] acerca do mundo em que vivemos e principalmente como forma de revelar o mundo e as experiências que tiramos dele, por esse meio, sendo capaz de nos dar o decalque do real, as marcas das experiências e as intensidades das práticas e discursos territoriais.

Como procedimento metodológico, as fotografias vão além da idéia de ilustração, pois, como linguagem não verbal, elas cumprem o papel de reproduzir as impressões do real (o decalque), abarcando o melhor ângulo e foco. Entreguei-lhe a máquina e prontamente ele saiu da sua barraca caminhando em direção a porta da Ceasa. Fui seguindo-o por entre os “corredores” da feira.



Foto 5 – Lugar significativo para Valdo

Autor- Feirante Valdo. Out. 2010

Parado na entrada da Ceasa, Valdo tirou essa foto (Foto 5). Voltamos rapidamente para sua banca. Ele havia deixado uma sobrinha tomando conta, e lá, curiosamente, perguntei o porquê da escolha daquele local como elemento significativo para ele. E como resposta falou-me com uma ponta de orgulho:

Valdo - *Era aqui que eu comecei a pegar frete quando tinha 12 anos!*

Ao ir atrás de Valdo, estávamos por remontar o espaço percorrido em outros tempos, e sua imagem, uma lembrança sobre um espaço vivido, uma marca memorial de sua experiência com a feira, mas que estava ali, sendo explicitada no presente. A fotografia mantém o presente e o futuro em contato com o passado, pois o que ela

[...] fornece não é apenas um registro do passado, mas um modo novo de lidar com o presente, como atestam os efeitos dos incontáveis bilhões de documentos fotográficos contemporâneos. [...] as câmeras estabelecem uma relação inferencial com o presente (a realidade é conhecida por seus vestígios), proporcionam uma visão imediatamente retroativa da experiência. (SONTAG, 2004, p.183).

Confirmando essa idéia de retroatividade, porém numa perspectiva memorialista – que não é o objeto de estudo desta pesquisa - pode-se considerar que:

A máquina fotográfica, ao ser disparada, faz presente um real, ela o cria. Cada um escolhe um enquadramento para ver e, com essa foto em mãos, poderemos rememorar em outro local e em outro tempo o que vivemos ali. Mas o que rememoraremos não será a vida vivida no momento em que a foto foi feita, mas, sim, nossas lembranças tocarão aquele real criado pela câmera, pois é ele que estará presentificado no futuro da fotografia. (OLIVEIRA JR, 2004, p.8).

O que mais me surpreendeu, na fotografia tirada por Valdo, foi ter realizado anteriormente várias perguntas orais sobre a feira e em nenhuma delas ter chegado a uma resposta tão íntima que revelasse a relação do sujeito com o lugar. Naquele momento, descobri que estava diante do que tanto procurava: as experiências como marcas na forma de se imaginar e usar o espaço, os traços da cultura como aquelas contadas por mim no início deste trabalho. Pois, mesmo tendo informações interessantes a partir das entrevistas orais, foi com a câmera na mão e a fotografia escolhida pelos próprios frequentadores que acabei por encontrar o que faltava: a resposta [imagem] como potencializadoras do discurso oral, como decalque das experiências espaciais.

As imagens, enquanto materialidade do espaço, já que é um decalque do que o “espaço quer nos dizer”, mostram e equilibram a relação do olhar sobre o lugar, posto que a “[...] imagem é sempre material, é sempre uma obra palpável aos olhos, porque é a eles que elas se destinam prioritariamente, são nossos olhos que

elas desejam...” (OLIVEIRA JR., 2009, p.20). Ainda segundo esse estudioso, quando educamos o olhar pelas imagens não estamos somente vendo ou lendo certas coisas, pois depreender os sentidos dos temas, cores e formas é construir um pensamento sobre o que vemos e nossos olhos acabam como condutores do ato de conhecer, levando-nos a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real.

Depois desse contato com Valdo, saí com a máquina fotográfica na tentativa de encontrar outras histórias, outras imagens. Foi quando percebi que o uso da máquina fotográfica definiu, de certa forma, a minha relação espaço-territorialidade com o lugar-feira e, principalmente, com os feirantes, porque sempre que tirava uma fotografia gerava-se, de alguma maneira, alguma curiosidade. A maioria brincava e fazia piada com a situação, algo como *“Ele é feio! Não bate a foto não!! Vai queimar o filme.”*

Além disso, uma emissora de televisão de abrangência nacional tinha acabado de fazer uma reportagem sobre a Feira de Glória, por conta disso fui alvo de questionamentos - *“Ei moça! Nós vamos sair em que emissora? Estamos famosos!”*

Essas “brincadeiras”, no imaginário popular, permitiram que eu me aproximasse para uma conversa inicial, explicando minha pesquisa, apresentando meu interesse por estar ali. É interessante pontuar aqui que uma pesquisa é sempre resultado de diversos fluxos, principalmente informacionais, porém nosso estudo não busca produzir nenhum tipo de generalização, pois mesmo se passando em uma feira do sertão nordestino, essa pesquisa não é de cunho regionalista e de exaltação ao estereótipo do sertanejo e sim, de visibilidade e de potencialidade às particularidades [aqui estamos tentando, entre outros resultados, estudar as práticas cotidianas e as relações territoriais que os frequentadores da Feira de Glória produzem no espaço], que são marcas das pesquisas pós-modernas, pós-estruturalistas e contemporâneas de um modo geral.

Foi nessa dinâmica que conheci um grupo de meninos que fazia frete na frente da Ceasa, o mesmo local da fotografia do Valdo. Ao produzir as fotografias, conheci o Natanael, Valter e Matheus, eles tinham 10, 11 e 12 anos, respectivamente. Perguntei quantos fretes eles faziam por dia; responderam-me que

na sexta a média era de 10 fretes, mas no sábado chegavam a fazer 15, e que outras pessoas da família trabalhavam feira: as mães de dois trabalhavam varrendo as ruas depois da feira e o outro tinha um irmão que também era fretista. Perguntei o que eles faziam com o dinheiro: Valter me disse que o dinheiro era para ele, mas os outros dois deram a mesma resposta: “Para o bolso da minha mãe. Pra comprar de carne, feijão...”

O dinheiro e a comida eram temas constantes em quase toda nossa conversa. Quando falamos sobre os que eles gostam na feira, o que é a feira para eles, surgiu mais uma vez esses elementos:

Natanael - *Gosto de tudo! Do dinheiro e da comida.*

Matheus - *É o dinheiro e a coxinha. É a comida que tem em casa, porque sou eu que ganho dinheiro. Eu sou magrinho, mas não é de fome.*

Por fim, pedi que eles tirassem uma fotografia do que significa a feira pra eles. Natanael e Matheus aceitaram tirar a fotografia, mas o Valter ficou acanhado para pegar a câmera fotográfica.



Foto 6 – Lugar significativo para Natanael
Autor- Fretista Natanael. Out. 2010



Foto 7 – Lugar significativo para Matheus
Autor- Fretista Matheus. Out. 2010

Diferente da anterior, as fotografias (Fotos 6 e 7) não apareceram como descrições da memória, a imagem nos mostrou algo daquele instante: uma

necessidade ou desejo. Talvez tenham feito assim porque necessitam da feira para o imediato, o agora: dinheiro e comida. Ou quem sabe porque, com uma vida que circula tanto em torno da subsistência, comer algo diferente do arroz com feijão seja um desejo forte. Os meninos as fizeram como espelho das suas práticas cotidianas, suas formas de apropriação do espaço, de como vivem no lugar-feira

Depois de algumas horas retornei ao local onde os garotos estavam. Matheus, assustado, veio em minha direção perguntando o que eu iria fazer com as fotografias tiradas, pois disseram (talvez por influência de algumas pessoas que souberam que eu havia falado com eles) que eu poderia ser alguém do governo e que iria “quebrar os cartões”. Não entendi muita coisa, mas expliquei do que se tratava e que não era nenhuma funcionária do governo. Depois de alguns minutos, vim a entender que se tratavam dos cartões do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e que eles, possivelmente, participam desse programa.

Como Oliveira Jr. (2008) diz que a imagem é uma versão do mundo, como uma grafia deste mundo, então, podemos dizer que a fotografia das uvas e os salgados na vitrine da banca (Fotos 6 e 7), são as marcas com as quais os meninos imaginam o lugar. Estas marcas são os vincos, os elementos, que sobressaíram mediante as diversas práticas que esses sujeitos tiveram com um espaço, acabando por refletir em marcas/fotografias que expressam necessidades econômicas, desejos, ações e até mesmo o trabalho infantil.

Tarde de sexta. Ainda faz muito calor e já se percebe um aumento de fregueses nos arredores da Ceasa, que é a matriz, o grande centro por onde circula e por onde começa a feira da sexta. As outras ruas, as que compõem a grande feira do sábado, são uma extensão da feira da Ceasa, que devagar vai sendo configurada/territorializada entre as diversas ruas sem mesmo que as pessoas percebam, até que, quando amanhece o dia, ela já está ali.

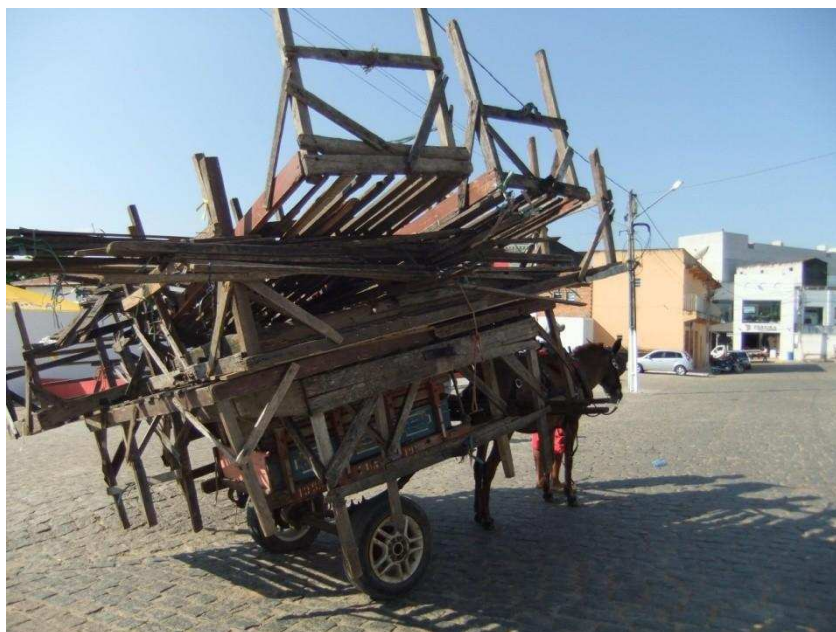


Foto 8 – Carroça carregando a estrutura de uma banca

Autora – Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Assim, as ruas vão tomando novas formas, constituindo territórios flexíveis, que semanalmente habitam as ruas e se dissolvem em um movimento corriqueiro para os seus habitantes. Aprofundando esse pensamento, os territórios

[...] podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis ou estáveis, ou mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos [...]. (SOUZA, 2003, p.87)

Dessa flexibilidade surge a maioria das bancas que vai compor a feira de sábado chega amontoada em carroças de burro (Foto 8). Outra parte chega na madrugada de sexta para a feira do sábado em caminhões que vêm da cidade de Glória ou de outros municípios.

3.3 À NOITE: A FEIRA E SUAS TRAJETÓRIAS

Volto aos arredores da Ceasa, com o pôr do sol começam a chegar mais fregueses e com isso mais automóveis, carroças, carrinhos de mãos, cheiros, barulho, lixo... É com a chegada da noite que a feira da sexta consegue chegar ao seu ápice de ebulição.

A feira da sexta, com o decorrer dos anos, passou a ser a escolhida pelas pessoas que vivem no perímetro urbano da cidade como local de compra. Essa escolha é motivada, em grande parte, por aqueles que querem evitar a aglomeração e o forte calor sentido na feira, no sábado. Alguns já preferem esse dia por serem os primeiros a escolher os produtos que consideram de melhor qualidade e, outros vêm porque trabalham no horário comercial e o período da noite é o único momento disponível.

A feira aglutina e atrai fregueses com diferentes fluxos individuais, com diferentes pontos de parada e temporalidades, que compartilham por um determinado tempo o mesmo espaço. Os sujeitos que participam desse espaço, aí se inclui não só os feirantes, mas todos que estão envolvidos com o “fazer a feira”, irão subscrever o espaço a partir de suas práticas e sociabilidades.

[...] o ambiente de feira-livre pode ser “vivido” pelos fregueses a partir de trajetos singulares, optando por “ruas e esquinas” a serem percorridas durante as compras e, em cada uma delas, encontrando situações particulares que configuram este espaço como um território específico, constituído não apenas pelo tipo de bancas e feirantes que ali estão alocados, como também pelas preferências da freguesia em percorrer estes corredores. (VEDANA, 2004 p. 52).

Em outras palavras, cada movimento para quem faz a feira é particular, cada um traça sua feira, sua rota. Esse deslocamento é, ao mesmo tempo, individual e coletivo, pois todos estão interagindo em um mesmo espaço. Logo, cada um dos territórios está relacionado com a experiência de vida, com as interações que possibilitam o reconhecimento do espaço, possibilitando que a feira possa ser dita como esquema de imagens simbólicas que acabam por constituir o espaço para além de sua concretude física, ou seja, na própria experiência dos sujeitos que a frequentam. Estes territórios são, de acordo com Queiroz Filho (2009), feitos de instabilidades, misturas, movimentos e relações.

Na tentativa de buscar esse movimento particular dos fregueses com o espaço, fui fazer a feira com uma senhora conhecida e sua mãe. Na verdade, sua mãe estava ali para ajudá-la, uma vez que Dona Zezica, com 76 anos, não consegue mais fazer a feira sozinha. Dona Zezica prefere fazer a feira na sexta a noite porque o movimento de pessoas é menor e também a temperatura é mais agradável.

Na trajetória que fazíamos em direção às barracas, Dona Zezica foi retomando algumas lembranças sobre a Feira de Glória, remontando estórias em sua memória ao falar do tempo em era menina e vinha à feira com a sua mãe.

Dona Zezica - *Eu não gostava de ir à feira. Eu chegava na feira com minha mãe e ela ficava em pé a vida toda conversando com as amigas, quando acabar... Me deixava ali encostada. Eu chega chorava de raiva . Era conversando com umas mulheres da Cabeça da Vaca, que eu não gostava...*

Ao contar suas lembranças ela sincronizava sua fala com o ritmo da feira, fazendo gestos e olhares, como se aquela estória estivesse acontecendo naquele mesmo momento. Ao narrar sua vivência na feira, ela estava por recriar o espaço feira vivido em outros tempos.

Continuando seu percurso, diferente do que estava acostumada a ver, Dona Zezica começou a fazer a feira nas bancas externas da Ceasa, iniciando com as primeiras filas do lado esquerdo, contrário ao boteco de comida. Diminuindo ainda mais seu ritmo, ela para em algumas bancas, escuta o preço oferecido, observa atentamente, apalpa o produto e, na maioria das vezes, pergunta de onde vem o produto. Visualizada na (Foto 9).

Em uma dessas paradas Dona Zezica pergunta ao vendedor de mangas qual era a procedência da fruta e o vendedor, com naturalidade, responde-lhe:

Vendedor - *Vem de Canindé.*

Dona Zezica - *Eu tenho um sobrinho que mora em Canindé e que também tem um terreno, o nome dele é Paulo Sabino, você conhece?*

Vendedor - *Eu conheço! O terreno dele é do lado do meu, ontem mesmo eu estava conversando com ele.*

Dona Zezica - *Tem muito tempo que eu não vejo ele, diga que estou com saudades, o meu nome é Zezica.*



Foto 9 – Dona Zezica ‘fazendo’ a feira

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Em outras bancas, Dona Zezica já nem olhava muito para o produto, era compradora cativa, cumprimentava o vendedor pelo nome, perguntava o preço da mercadoria e mandava pesar. Para não ficar com as sacolas de compras por toda a feira ela foi deixando-as em algumas bancas já conhecidas, depois, no final da feira, ela passou recolhendo.

A trajetória de Dona Zezica na feira foi marcada por negociações, interações e encontros tecidos entre uma compra e outra. Dentro de uma aparente desordem, ela já tinha mentalmente seus movimentos a serem executados na feira, quais bancas iria passar, que tipo de produto iria escolher e com que feirantes iria deixar sua mercadoria. Disso nos vem a ideia de pensar a feira “como espaço de trajetórias” (MASSEY 2008), posto que

[...] toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida imprimem suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engendram. (DE CERTEAU, 1996, *apud* VEDANA, 2004, p.10).

Ao tempo em que fazíamos a feira, Dona Mariana (50 anos), filha de Dona Zezica, parou em frente a uma banca de bolos, saquaremas e beijus e disse:

Dona Mariana - *Eu gostava quando minha mãe ia pra feira! Ela comprava aqueles doces de açúcar, pirulitos de açúcar com essência, que era feito caseiro. Já quando eu ia à feira com tia Cecinha, naquela época eu morava no interior, na Baixa Limpa, ela me dava pão com suco. Eram os guaranás da época”.*

A partir dessa revelação, Dona Mariana começou a falar mais sobre a feira e, assim como os vendedores, ela lembrou a reportagem realizada na Feira de Glória. Fui adquirindo confiança com Dona Mariana, e em meio a nossa conversa paramos diante de uma banca de sacos de feijão, farinha, milho e arroz. Ali, ela me revelou uma outra imagem memorial:

Dona Mariana - *Gostava de olhar o povo pesando as coisas na feira. Eu achava a tecnologia da época os homens pesando os alimentos com medidas. Não era balança, eram umas medidas de madeira quadradinha que mediam sal, feijão, açúcar, farinha, arroz... “Bote aí uma medida de farinha...”. Dava pra medir tudo que queria: ½ quilo de sal na medida. O supermercado era no meio da feira. Eu achava tudo muito interessante.*

Aquela imagem pretérita, trazida para o presente por Dona Mariana, veio cruzar e sobrepor trajetórias já vividas, conectando e comparando práticas antigas de se atuar sobre o espaço com as ações e práticas presentes. Ao imaginar aquele cenário já vivido com as balanças utilizadas atualmente, ela estava por reiterar as práticas cotidianas que fundem tempo e espaço, “Pois abrir ‘espaço’ para esse tipo de imaginação significa pensar tempo e espaço como mutuamente imbricados e pensar em ambos como produto de inter-relações.” (MASSEY 2008, p. 184).

Nessa perspectiva, a narrativa de Dona Mariana continuava a transitar na memória do lugar organizando e interpretando trajetórias e relatando mudanças que fazem parte da estética da feira livre:

Dona Mariana - *Não existia embalagem plástica, era de papel ou tecido. Minha mãe tinha sacolas de tecido de arroz, pão, feijão... Eram sacolas de pano parecidas com as que têm no supermercado hoje, mas antes eram as pessoas que*

faziam. As sacolas faziam parte do enxoval da noiva, assim quando as pessoas iam casar elas já tinham suas sacolas personalizadas, com bordados, fitas e rendas. Aí na feira eram as mulheres com as bolsas branquinhas, bolsa de farinha, bolsa de feijão...

E as carnes eram compradas em baldes. Tinha um balde de alumínio para comprar a carne, um balde plástico, caldeirão... Tinha um recipiente próprio. O que eu achava interessante era que não existia embalagem plástica, cada um já ia pra feira com seus recipientes. A feira era limpa, não tinha essa sujeira que a gente vê hoje. Não tinha esses plásticos voando no meio da rua.

Hoje em dia tá se tentando voltar. No supermercado já tem uma sacolas, mas eu acho difícil o povo adotar. Quando chego no supermercado que vejo aquele monte de sacola ecológica não vejo ninguém comprando. Eu vou comprar!

A importância de se retomar aqui as lembranças de Dona Mariana, está associada aos diversos esquemas gestuais e simbólicos de estabelecer relações com o espaço habitado e modificado pelas ações e práticas dos sujeitos que vivem a feira. Com isto estamos, também, falando de espaços territorializados resultantes da ação e interação de agentes sociais. Logo, essa concepção de territorialidade “[...] se refere ao modo como uma pessoa ou um grupo social usa o espaço, cria seu território em diferença, em tensão, em solidariedade com outras formas de usar o espaço – criar território” (QUEIROZ FILHO, 2009, p. 125).

Quando Dona Mariana refaz a feira da sua infância e a compartilha com a atualidade, há um sentimento de ressignificação, um amargo de como esse espaço foi modificado com ações que o fizeram sujo e feio e com o alívio, mesmo que ainda desconfiado, para um retorno de velhos hábitos. Não se trata, nesse caso, de afirmar que a melhor prática era a anterior com sacolas de tecidos e uso de baldes na feira, mas sim de mostrar os espaços como também discordantes e desconexos e que podem e querem reajustar práticas e encaixes de temporalidades anteriores. Por fim, ela diz que vai comprar uma dessas sacolas ecológicas que não vê ninguém comprando e, percebe-se, que essa decisão talvez tenha sido tomada justamente por haver transitado no tempo e no espaço.

Dona Zezica e Dona Mariana acabam de fazer a feira. Agradeço pela oportunidade de compartilhá-la, quando me deparo com o que descreveu Dona Mariana sobre o grande número de sacolas jogadas no chão da feira (Fotos 10 e 11).

Sete e meia da noite e a feira de sexta já começa a se desfazer, algumas bancas dentro e fora da Ceasa já estão sendo desfeitas e na maior parte das vezes

as mercadorias são reorganizadas abaixo e em cima das bancas, quando são protegidas por lonas. Elas ficam ali até o dia seguinte cedinho, quando começa a feira de sábado.



Foto 10 – Fim de feira e lixo plástico
Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



Foto 11 – Fim de feira e lixo plástico

Algumas mulheres já começam a retirar o lixo das ruas, inicialmente acreditava-se tratar de donas das bancas, pois estavam sem o uniforme da prefeitura, com maquiagem (sombra e batom) e algumas bijuterias. Mas, quando pedi licença para tirar algumas fotografias e perguntei sobre a ausência da prefeitura na limpeza urbana, tive a surpresa: elas eram da prefeitura.

Vaidosas, pareciam que não queriam combinar com aquele lugar de sujeira e lixo. Quando pedi para tirar a foto (Foto 11), muitas até pararam de varrer, segurando a vassoura como se estivessem seguindo o movimento do seu trabalho. A pose para tirar a fotografia me fez pensar sobre os usos narcisistas da fotografia, que também acabam como poderoso instrumento para despersonalizar a relação com o mundo, segundo Sontag (2004).

3.4 O FIM INACABADO

São oito e meia da noite existiam poucas bancas abertas e o fluxo de pessoas pareciam tomar outro sentido. Agora são os feirantes que saem detrás de suas bancas e retomam o lugar-feira conferindo-lhe outro significado, outro território que já não mais parecia ser aquele compartilhado como os fregueses.

Segundo Haesbaert (2006), essa flexibilização de territórios é entendida quando percebemos que os territórios funcionam de modo cíclico e de conexões que articulam espaços na descontinuidade. A alternância dos usos existe devido às relações de poder e disputas estabelecidas nos territórios. Desse modo, periodicamente os “territórios-feira” são territorializados, desterritorializados e reterritorializados. A Desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território e a reterritorialização é o movimento de construção, de ressignificação e redefinição de um novo território.

Depois de arrumar as bancas eles partem para o descanso, muitos vão tomar banho no banheiro do mercado, enquanto outros preferem banheiros “alugados” para banho por apenas R\$ 1,00, que ficam, geralmente, do lado de restaurantes. Depois do banho muitos vão jantar nas bancas de comidas e em

outros restaurantes que ficam no entorno do mercado, mas a maioria prefere as bancas de comida, que não fecharam e nem parecem pretender.



Foto 12 – Boteco de comida “pós-feira”
Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out.2010.



Foto 13 – Iguarias dos botecos
Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Volto à banca de Dona Maria Antônia (Foto 12 e 13), como tinha prometido, e encontro a banca repleta de gente. Percebo que a maioria era de homens feirantes e as mulheres que ali estavam eram quase todas, também, feirantes. Dona Maria Antônia logo me reconheceu.

Dona Maria Antônia - *Ei moça! Voltou, heim! Não falei que aqui a gente não fecha 'nunca'! Vai querer comida do sertão?*

Perguntei pelo cardápio: tinha inhame, macaxeira, carneiro cozido, carne de boi e frango assados. Escolhi, seguindo o seu conselho, carne de carneiro com macaxeira. Entre um cliente e outro ela foi conversando comigo.

Dona Maria Antônia - *Menina aqui a gente não dorme, fica feirante aqui a noite toda! Se tiver alguém a gente fica até amanhecer o dia. E sempre tem gente, a maioria é o povo daqui da feira mesmo.*

Durante a conversa ela deixou claro quem eram sem frequentadores da noite e que a maioria eram fregueses antigos, que costumam comer e até beber

bebidas alcoólicas para passar a madrugada. Sentada entre os diversos feirantes, observei um pouco da conversa que girava em torno das eleições⁸, vendas e futebol.

Terminado o jantar, resolvi ficar mais um pouco para saber o que fazem os feirantes no “pós-feira”. Aparentemente, enxergo somente as bancas de comidas e os feirantes que ali estão, mas com um pouco mais de “olhar”, permito-me enxergar que entre os “corredores” existe uma “outra feira”, um outro território, compartilhado por músicas, falas e risadas. Enquanto alguns vão dormir dentro de caminhões, carros e debaixo das bancas, outros tomam o balcão da própria banca como local de conforto e descanso para jogar, ouvir uma música e bater papo.

Aquele espaço, caracterizado durante o dia pelo movimento de intensa troca comercial e de diversos personagens, agora é cenário de outras trocas simbólicas e imateriais, os feirantes deixam de assumir, momentaneamente, seu posto de comerciantes, de vendedor de bananas, de maçãs, de melancias e passam, como sujeitos optantes por outras relações sociais e afetivas, a compor o espaço de forma distinta daquela assumida nos horários de trabalho.

Já passava das dez da noite quando encontrei três grupos de feirantes entre as bancas “desfeitas”. Tentei me aproximar discretamente dos grupos, mas minha presença logo causou estranhamento entre eles, já que não é rotineira a “entrada” de outras pessoas naquele território.

Conversando e usando a máquina fotográfica como recurso, aproximei-me de um grupo que estava jogando buraco (Foto 14) e, logo na outra banca, estava um grupo maior (Foto 15). Eles eram do município de Nossa Senhora das Dores.



Foto 14 – Feirantes jogam baralho



Foto 15 – Homens conversando

⁸ O primeiro turno das eleições 2010 tinha ocorrido na semana anterior a minha visita à feira.

Todos, deste grupo, estavam atentos ouvindo uma história contada pelo senhor que parecia ser o mais velho dos que estavam ali reunidos (Foto 15). Parei um pouco para entender a conversa... Aparentemente, o senhor estava contando sobre uma morte misteriosa que tinha acontecido há muito tempo. E, mais uma vez, me fez recordar dos espaços múltiplos - Massey (2008) -, que são constituídos pelos vínculos de experiências vividas e interações de conversas e histórias que acabam marcando e caracterizando o espaço.

Dentro desse grupo, não consegui conversar com muitos, e nem pretendia, pois eles estavam bastante interessados em escutar a conversa do senhor que estava a prostrar. Um deles se aproximou, talvez curioso pela minha presença, e se apresentou como Bento, vendedor de Bananas. Conforme ele disse, estava ali “esperando o sono chegar”; ele pretendia dormir em um dos caminhões de feira, pois estava sozinho, sem a esposa. Logo, percebi que há uma distinção entre os que dormem no caminhão e os que dormem nas bancas, quando solteiros ou sem as esposas, eles vão dormir em redes ou em colchonetes dentro dos caminhões, mas quando estão com as esposas, eles preferem dormir em “quartos” improvisados debaixo das bancas, que parecem mais reservados.

Próximo a Bento, tinha outro grupo composto somente por mulheres (Foto 16). Havia uma distinção de conversas e grupos: as mulheres estavam em outra banca conversando somente entre elas, enquanto os homens permaneciam atentos à conversa do senhor. Eram três mulheres, Cátia, Rosilene e Mara. Eram as esposas dos homens que estavam no outro grupo e, assim, todas dormiam debaixo das bancas com seus maridos. Conversamos um pouco sobre a feira, sobre o hábito noturno de se conversar com os amigos e o que mais gostam na Feira de Glória.

Cátia - *Gosto de bater papo à noite. Porque quando a gente tá trabalhando a gente não conversa. De dia a gente não tem tempo, eu estou na minha banca e ela na dela, aí quando chega à noite a gente toma banho, toma cafezinho... aí ficamos aqui conversando. É bom! É uma terapia, às vezes a gente tem problema e esquece. Acaba estresse!*



Foto 16 – O “grupo” das mulheres

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Curiosa em saber como elas passam a noite ali na feira, pedi para conhecer um dos quartos (Foto 17). Mesmo com vergonha, Cátia me apresentou onde dormia com o marido. O local parecia bastante confortável e cheiroso.

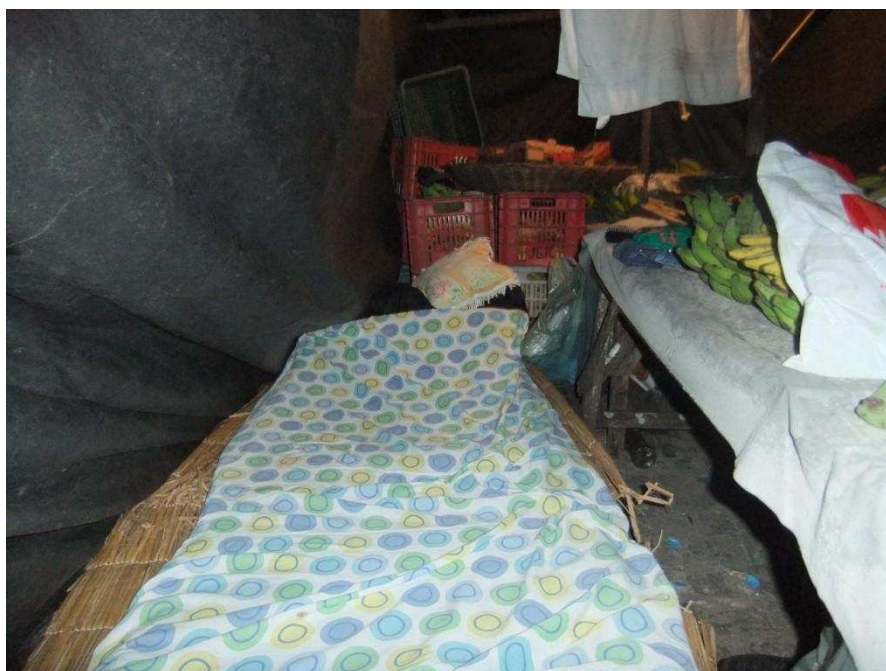


Foto 17 – Quarto do casal improvisado

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Para alguns, principalmente para os moradores da cidade, a feira, de madrugada, parece adormecida, mas quem passa pelos seus corredores encontra outra feira, outros usos e significados que nos fazem entender e descobrir territórios menores, que acabam por compor um espaço de mistura. Mesmo de madrugada, as bancas de comida continuam abertas recebendo os feirantes que agora são clientes e, entre seus corredores, mesmo sem que saibamos a direção, é possível escutar conversas e músicas que saem por debaixo daquelas lonas. “Um espaço não é nem um recipiente para identidades já constituídas nem um holismo completamente *fechado*. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo.” (MASSEY, 2008, p.28).

3.5 UMA MANHÃ MOVIMENTADA

Amanhece e encontramos quase todas as ruas, do centro da Cidade de Nossa Senhora da Glória, tomadas por pessoas, mercadorias, animais nas calçadas, carros, carroças, motos e uma sonoridade que em nada se compara a quase sossegada “feira de sexta”. É um amanhecer movimentado, pois os primeiros raios de sol são acompanhados pela chegada de diversos transportes, principalmente caminhões paus de araras, ônibus e topics que chegam com pessoas de diversos municípios e até mesmo de outros estados.

Nossa Senhora da Glória, segundo o IBGE, possui aproximadamente 30 mil habitantes; está localizada na região noroeste do estado de Sergipe - no chamado alto sertão sergipano -, a uma distância rodoviária de 126 km de Aracaju (capital). O município faz confluência com estradas municipais que dão acesso aos municípios circunvizinhos. Limita-se ao norte com os municípios de Monte Alegre de Sergipe e Porto da Folha; ao sul com os municípios de Carira, Nossa Senhora Aparecida e São Miguel do Aleixo; ao leste com os municípios de Gararu, Feira Nova e Graccho Cardoso e ao oeste uma parte com município de Carira e com o estado da Bahia.

Apelidada de “Capital do Sertão”, o município possui uma diversificada rede de comércio e serviços. Característica que, aliada à facilidade rodoviária, acaba por atrair a população rural e a população de municípios circunvizinhos a utilizarem seus

serviços, principalmente em dias de feira, momento de maior oferta de bens e serviços.

Mais uma vez, reafirmam-se as ideias de Doreen Massey (2008) em que cada forma de pensar o espaço gera uma maneira de agir no território, de produzir um território. E aquele espaço em nada me parecia com territórios fechados ou que estava prestes a perder suas fragmentações locais e homogeneizações frente às transformações modernas das mobilidades espaciais.

A imagem que eu tinha naquele momento, com toda aquela multidão chegando em diversos veículos (Foto 18,19 e 21) era a “imagem do susto” e sobre isso, podemos considerar que

[...] a imagem que nos chega num susto, num choque, inserindo em nós um desassossego incompreensível num primeiro momento, entendemos ser ela a imagem de maior potência para o desenvolvimento de uma pesquisa. É ela que seria perseguida pelo pesquisador, tanto em suas repercussões pessoais quanto em suas ressonâncias no mundo, gerando respectivamente “ensimesmamentos” e “estudos”. (OLIVEIRA JR, 2008, p. 1241).



Foto 18 – ônibus que traz feirantes

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



Foto 19 – Topic que traz feirantes

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



FOTO 20 – Multidão na feira

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



FOTO 21 – Pau de arara

Autora- Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Essas “imagens-que-dizem-do-mundo” (OLIVEIRA, 2009) nos aludem pequenos feitos, “geografias menores” (OLIVEIRA, 2009) que perpassam por dentro das grandes cenas e fluxos do lugar-feira. Essas pequenas cenas também são chamadas de micro eventos, ou seja, “[...] acontecimentos que representam a apropriação do espaço por atores sociais” (VERDANA, 2009, p. 58). E é buscando esses micros eventos que tento entender e olhar as pequenas práticas cotidianas que transcorrem na feira. Segundo Bachelard (2008, p. 165) “A miniatura estende-se até as dimensões de um universo. O grande, mais uma vez, está contido no pequeno. Pegar uma lupa é prestar atenção, mas prestar atenção já não será possuir uma lupa? A atenção, por si só é uma lente de aumento”.



FOTO 22 – Venda de animais silvestres

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010



FOTO 23 – Escambo

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010

Uma das primeiras imagens com que me deparo (Fotos 22 e 23) é de um aglomerado de pessoas perto de uma das “entradas” da feira. Ali estavam animais silvestres⁹, galos e galinhas, senhores ao lado de sacos de milho e feijão, bicicletas e diversos tipos de utensílios e vasilhas. Tentando prestar atenção àquela cena, percebi que em alguns pontos daquela rua, havia grupos de trocas de mercadorias. Essas cenas, são bastante discretas, ali há trocas de sacos de milho por feijão (e vice-versa), trocas de bicicletas e de dos animais em meio a uma das mais movimentadas ruas da feira.

Como já comentei, a feira está bastante diferente da encontrada no dia anterior, hoje não há somente a da Ceasa e seus arredores. Há outras ruas, dentre as quais se destacam como as principais ruas da feira: Rua Manoel Faria de Lima, Pedro Álvares Feitosa, Rua Antonio Francisco de Souza, Travessa Pedro Alvares Feitosa, Praça Antonio A. de Oliveira e Rua Ulisses A. de Oliveira. A figura 1 traz uma planta da Feira de Glória.

⁹ Animais em gaiolas de origem e legalidade duvidosa.

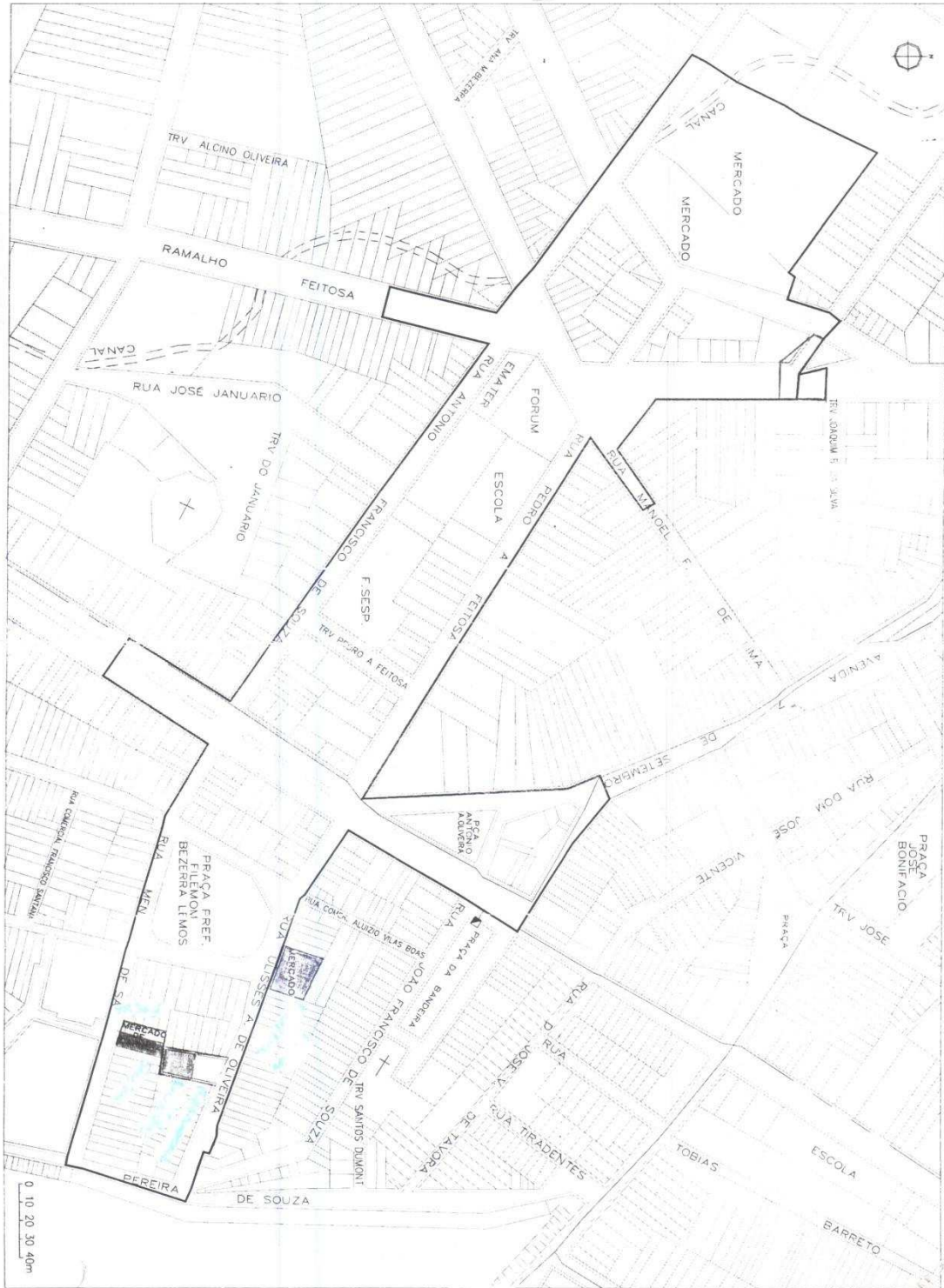


Figura 1 – Planta da Feira de Glória

Fonte: Prefeitura Municipal de Nossa Senhora da Glória - SE

Muitas dessas ruas até “perdem” seu nome oficial nos dias de feira de sábado e passam a ser nomeadas com os nomes das mercadorias que são vendidas nela. Em exemplo disso, é a “feira” (rua) dos queijos e animais vivos (Foto 24 e 25).



FOTO 24 – Rua do queijo e dos animais vivos

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



FOTO 25 – Rua do queijo e dos animais vivos

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

A rua do queijo e dos animais vivos fica ao lado da Ceasa. Nesse núcleo da feira são comercializados também os seguintes produtos: requeijão, manteiga, queijo coalho¹⁰, galinha de capoeira, galos, porcos e carneiros, estes últimos ficam quase sempre dentro dos caminhões. Essa “rua” tem uma temporalidade diferenciada, pois seus negociadores ficam até umas dez horas da manhã, talvez seja porque muitos desses feirantes não possuem pontos fixos nessa “rua”, vendem somente o excedente criado e produzido em estabelecimentos agrícolas e em seguida seguem para fazer a sua feira, além disso, por se tratar de produtos perecíveis (como os queijos, ovos e manteigas) e animais sensíveis a intensa exposição ao sol e mudança de ambiente, procura-se vendê-los rapidamente.

Há, naquele sábado de manhã, uma verdadeira multidão de gente, cada um com seu projeto individual, mas que adere a práticas comuns. A imagem que se repete em mim é a de corredores lotados de fregueses que se acotovelam para escolher suas compras, feirantes que falam muito alto para chamar a atenção dos

¹⁰ Sua principal atividade econômica está no setor primário, principalmente na pecuária de leite, onde se destaca a forte presença da agricultura familiar nas “fabriquetas” de leite onde são produzidos queijos e outros derivados do leite, seu comércio está em forte expansão.

fregueses e sons de músicas que vêm das barracas de DVDs e CDs. Em meio a isso, percebo que já não consigo conversar ou entrevistar as pessoas como no dia anterior, ao passo que sou mais observada por aqueles que fazem parte do cotidiano da feira.

Hoje revivo a feira, hoje sou uma visitante. Olho e, principalmente, sou olhada, sou notada. É aí que percebo que não estou de passagem. O meu movimento sobre o lugar também é um movimento de “viagem através de trajetórias” (MASSEY, 2008). Ao tentar entender as marcas culturais expressas nesse lugar, estou, além de criando marcas, interpelando feixes de trajetórias.

Para Massey (2008), ao cruzarmos trajetórias, não estamos apenas passando por um espaço físico-paisagístico, estamos unindo-nos às trajetórias, atravessando estórias em processo e, com isso, também estamos fazendo um movimento temporal.

Ao circular pela feira estou interrompendo a passagem do menino que leva as compras, atrasando a venda do feirante com a câmera, criando curiosidade e ideias na senhora que me viu parada na multidão com um caderno de anotações na mão, com perguntas e conversas; enfim, estou levando informações e desejos de outros lugares que não aquele, havendo dessa maneira trocas e conexões de informações que acabam por também se constituir como elemento formador do espaço.

3.6 NO MEIO DA RUA TINHA UMA FEIRA

A Rua Pedro Alvares Feitosa destaca-se das demais pela grande diversidade de produtos e pessoas, é nela onde percebo nitidamente o que Bondía (2002, p.24) quis dizer com “sujeitos da experiência”, sobre isso:

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

A passagem, ou melhor, o cruzamento de trajetórias desses “sujeitos da experiência” deixará marcas espaciais que se evidenciarão não só pelos seus territórios e seus antigos hábitos e mercadorias que continuam a ser vendidos naquela rua, mas pela capacidade de estes se misturarem, de modo híbrido, com outras territorialidades, recriando territórios e até mesmo reforçando os já existentes.

Os lugares serão produtos descolados das identidades, relações sociais heterogêneas que acabarão por deixarem marcas expressas no espaço que, poderão a qualquer momento, sofrer amplitudes e reinvenções, dependendo das intensidades de fluxos e redes que por eles perpassam.

Quando grafamos o espaço a partir das imagens, elas nos darão o substrato que queremos: as marcas, pois, como já dissemos, quaisquer imagens que tiramos do espaço não é o espaço, mas sim a ação sobre ele que grafa um pensamento espacial, segundo Oliveira (2009). As fotografias, não virão apenas como memórias vistas no papel, mas sim a mais legítima apreensão do mundo e dos “sujeitos da experiência”, conforme demonstra a sequencia de fotos abaixo: (fotos números 26 a 39).



FOTO 26 – Barraca de cachaça



FOTO 27 – Barraca de Fumo



FOTO 28 – Acessórios de couro



FOTO 29 – Acessórios de couro e ferramentas



FOTO 30 – Sapatos de couro



FOTO 31 – Ferramentas e acessórios



FOTO 32 – Brinquedos de madeira

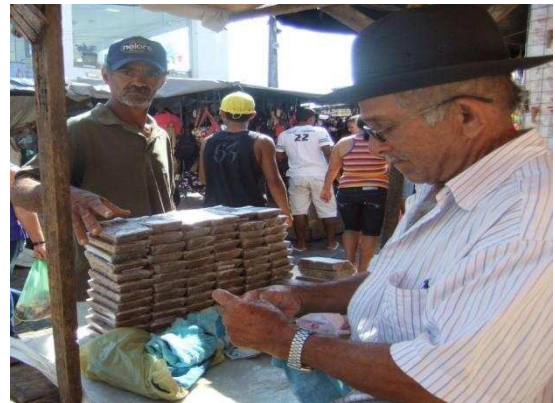


FOTO 33 - Rapadura



FOTO 34 - Cerâmica



FOTO 35 – Culinária regional



FOTO 36 – Eletrônicos



FOTO 37 – Amendoim cozido



FOTO 38 – Remédios milagrosos



FOTO 39 - Perfumes

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Em toda a feira podemos identificar uma série de marcas culturais que acabam por falar sobre o espaço, porém, é na Rua Pedro Álvares Feitosa, em que os vincos dos usos, ações e gestos do homem vão se aglutinar de modo mais intenso. Rua larga e comprida, diferente das demais, ela apresenta três filas de

bancas que acabam por gerar corredores apertados, favorecendo as trocas sociais e a construção e reconstrução de territórios.

Essa rua híbrida proporciona conexões de diferentes temporalidades e espaço; é lá onde encontraremos Seu Jugurta (Foto 33) que vende rapadura há 40 anos, Seu Geronço, conhecido também como Mestre Shel da capoeira¹¹, Seu Gauchinho repentista e cordelista, ao tempo em que vamos encontrar as bancas de rolo de fumo (Foto 27) e da cachaça (Foto 26), os vendedores de artigo de couro, como sapatos, chapéus, acessórios para cavalos e ferramentas para homem do campo (Foto 28, 29, 30 e 31), cerâmicas (Foto 34), bancas de doces regionais (Foto 35), o vendedor de amendoim cozido (Foto 37), os perfumes falsificados (Foto 39), remédios milagrosos (Foto 38), bancas dos eletrônicos¹² (Foto 36) e, por fim, a rua onde “me encontrei” com os brinquedos de madeira (Foto 32), aqueles sobre os quais falei no início desta pesquisa e que me deixaram marcas memoriais.

3.7 CORDÉIS: CANTAR E CONTAR FEIRA

Partindo dos argumentos de Massey (2008), a arena do espaço não é uma superfície, um terreno firme, nem tão pouco um todo holístico já interconectado. Ele será sempre inacabado, aberto, contínuo para interconexões, encontros e desencontros. “Trata-se do espaço como a esfera de uma simultaneidade dinâmica, constantemente desconectada por novas chegadas, constantemente esperando por ser determinada (e, portanto, sempre indeterminada) pela construção de novas relações. Está sempre sendo feito e sempre, portanto, em certo sentido, inacabado [...]” (MASSEY, 2008, p. 160).

Fui à Rua Pedro Álvares Feitosa, rua dos “encontros”, para conhecer Seu Luiz Alves da Silva, mais conhecido como Gauchinho Cordelista. Passei por diversas vezes por aquela rua, mas a minha busca foi em vão, não o encontrei. Algumas pessoas chegaram a me explicar exatamente onde era a banca de cordel do Seu Gauchinho, mas nada. Desencontramo-nos no tempo e no espaço. Ao final

¹¹ Seu Geronço, conhecido como Mestre Shel é capoeirista há 30 anos e montou o primeiro grupo de capoeira.

¹² A banca os eletrônicos é bastante variada, vende cabo USB, pen drive, aparelho de bluetooth, relógios, lanternas, controles remotos e pilhas, lanternas, entre outros.

do dia de sábado, e final de feira, vejo-o parado em um ponto de Topic; estava a sair de viagem, iria ministrar uma palestra sobre cordel em uma cidade próxima dali. Na pressa, consegui apenas comprar alguns livrinhos de cordel que estavam em suas mãos.

As proezas de Seu Lunga

Luiz Alves da Silva

*“Quem nasce já traz consigo
Segundo o povo, o seu dom;
Um nasce pra ser ruim
Outro nasce pra ser bom
Quem não nasce pra cantar
Conta sem mudar o tom.*

*No Juazeiro do Norte
Fui em certa circunstância
Lá onde mora seu Lunga
Um homem sem tolerância
Que trouxe a sina de ser
O rei da ignorância.*

*Até mesmo a Rede Globo
No Juazeiro o filmou
Pois um mais grosso que ele
O repórter não achou
E no programa o Fantástico
Pra todos verem, mostrou.*

*Neste cordel eu relato
Do que li e escutei
As proezas de Seu Lunga
Nos lugares que eu passei
Tomei nota de todinhas
E depois versifiquei”.*

A banca de Seu Gauchinho é uma das mais conhecidas da Rua Pedro Álvares Feitosa. Lá são vendidos os livrinhos de cordel, grande parte escritos por ele mesmo. Ao tempo em que ele os lê e conta causos (histórias fictícias ou não) para os que estão fazendo a feira e param para ouvi-lo, vende as garrafadas¹³, remédios milagrosos e CDs e DVDs.

¹³ Garrafadas , também chamadas de beberagens e elixir, são feitos com cachaça e algumas ervas e servem para anemia, dor de barriga, remédio de verme e energético.

As leituras de cordéis entoadas por Gauchinho têm como temas principais a religião, a sexualidade, a política, o amor e o cotidiano dos homens do sertão, que ele prefere chamar de *matuto* e *tabaréu*. Formas de se dizer sobre o espaço, esses livrinhos acabam por narrar e intensificar os fluxos de informação e comunicação entre os lugares. Suas histórias, quase sempre falam de outros modos de vidas, outras formas de se pensar e agir sobre o espaço, em que o matuto, na maioria das vezes é o ignorante que está por descobrir “outro mundo”.

Mesmo colocando o sertanejo dessa forma, esse tipo de literatura acaba por evidenciar os lugares, os territórios, ao passo que os desterritorializam, isso por pensarmos nos espaços abertos e interconectáveis que estão passando por contínuos processos de construção e reconstrução.

Outra forma de se falar sobre o lugar e sobre outros lugares, são as bancas de DVDs e CDs. Espalhadas em grandes quantidades, essas bancas musicalizam quase toda a feira. Muitas pessoas acabam parando para ouvir e ver as músicas, já que em cada banca é colocado um aparelho de televisão. Nos momentos de pico são formados extensos semicírculos no entorno dessas barracas.



FOTO 40 – Banca de DVDs e CDs



FOTO 41 – Variedade musical

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.

Essas bancas misturam variados gostos musicais de diferentes lugares do Brasil e de outros países. São encontrados DVDs e CDs sobre vaquejadas sergipanas, rodeios de São Paulo, bandas de forró, músicas sertanejas da região centro sul e cantores internacionais que estão tocando em quase todos os países.

Essa prática cotidiana, assim como os cordéis, reafirma territorialidades, ao mesmo tempo em abre outras possibilidades de trocas territoriais.

Para Haesbaert (2006), estamos num período em que se mesclam os mais diversos níveis de desterritorialização que se desdobram em movimentos neoterritoriais de (re) enraizamento. Ainda segundo esse autor, os territórios não podem ser vistos como excludentes das redes globalizantes, pois nem sempre haverá a desterritorialização pela perda do território, o que nos leva a admitir que “[...] A Globalização pode gerar como produtos novos localismos, principalmente na medida em que promove a mobilidade planetária de grupos culturais muitos distintos e que reativam identidades [...]” (HAESBAERT, 2006 p. 180).

Logo, essas bancas acabam por constituírem marcas culturais, por promoverem leituras dos hábitos do sertanejo e do cotidiano do vaqueiro, quase pouco visto atualmente, e por agregarem leituras de outras espacialidades que são incorporadas e misturadas ao lugar-feira e assim aos seus frequentadores.

4 FIM DE FEIRA...

*Final de feira, legumes baratos
Meninos mulatos enrolam nos trapos
Os restos do prato que o dia-a-dia deixou pelo chão
Epa! Mais vale uma xepa na boca da gente
Que o corpo doído, faminto, doente
E o amor esquecido de um coração.*

A Xepa - Ruy Maurity¹⁴

Lentamente a feira vai se desfazendo, aos poucos chegam os caminhões para levarem as mercadorias para outras feiras, em outros municípios. As ruas estão cheias de lixo (Foto 42 e 43), passou pelo seu momento de efervescência das imagens da abundância e da vida, agora sobram os vestígios de um banquete, de uma celebração. Por aqui passou muita gente. Muitas histórias.



Foto 42 – Banca de comida
Autora - Fabianne Torres Oliveira. Out. 2010.



Foto 43 – Trecho da Rua Pedro A. Feitosa
Autora - Fabianne Torres Oliveira. out. 2010.

¹⁴ *Dona Xepa* foi uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida às 18h, de maio a outubro de 1977. Foi escrita por Gilberto Braga, baseada na peça teatral homônima de Pedro Bloch.

São corretores criados e desfeitos, são jocosidades de feirantes, pisões, restos de frutas no chão, diferentes veículos que chegaram e foram. A feira chegou, fez sua bagunça, foi embora e suas ruas voltaram ao “normal”. Ela até foi, mas quem passou por lá deixou marcas.

Nós não estamos somente passando pelo espaço; estamos modificando-o, à medida que o concebemos como produto de relações sociais heterogêneas. A feira que acabamos de deixar, já não é a mesma, foi alterada e isso ocorrerá a cada semana.

Os encontros, os desencontros, as trocas comerciais, as sonoridades ficarão. Essa rotina quase sempre imperceptível para alguns é o que marcará o espaço. Como os feirantes, em grande parte são itinerantes por perpassarem por outras feiras, acabam se tornando colecionadores de estórias entrelaçadas, que a cada feira, em diferentes cidades com diferentes trajetórias espaciais e temporais, passam a contribuir como formadores do espaço. Eles [os feirantes] são pontes de conexões com outros espaços.

Assim como eles, todos os sujeitos que participam da feira - o moço que fica parado escutando a leitura de cordel, o fretista, o freguês que vem de longe, a moça que só vai à feira para comprar DVDs, as mulheres que varrem as ruas, a pesquisadora que procura o Fio de Ariadne¹⁵ nesse complexo labirinto - deixam ações, gestos, histórias que criarão marcas no espaço.

Aquelas minhas marcas, a da imagem da macaca, dos móveis de madeira, entre outras já não são as únicas. Elas não estão somente no meu imaginário [hoje compartilhadas com o leitor desta pesquisa], elas se uniram a diversas outras marcas que, embaralhadas com outras coletâneas de histórias, acabam por revelar um espaço múltiplo e aberto. Divulgadas nas narrativas aqui apresentadas, essas coletâneas foram capazes de apresentar formas de se dizer sobre o lugar, sobre suas geografias: relações simbólicas, territoriais e espaços de negociações e políticas.

Quando tratamos de espaços abertos, estamos também nos remetendo a espaços de negociações, em que o “público” e o “privado” se envolvem em intensas

¹⁵ Fio de Ariadne, assim chamado devido à lenda de Ariadne. Esse termo é usado para descrever a resolução de um problema que se pode proceder de diversas maneiras óbvias (como exemplo: um labirinto físico, um quebra-cabeça de lógica ou um dilema ético), através de uma aplicação exaustiva da lógica por todos os meios disponíveis. Fonte: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2010/07/microsoft-word-disserta%c3%87%c3%83o-completa-suzi1.pdf>

políticas espaciais, às vezes, conflitantes e de interesses diversos. Afinal, como Massey (2008) afirma, os lugares são produtos de identidades/relações sociais heterogêneas e que por algumas vezes se apresentam descoladas e conflitantes.

Os espaços públicos, assim como o da feira, são produzidos através de negociações diárias e lutas, algumas vezes silenciosos e persistentes. Regulamentados, em alguns pontos, pela prefeitura e em outros socialmente pelos sujeitos heterogêneos que o compõem, produzindo regras explícitas (como pontos de paradas de caminhões, ponto fixo para os fretistas, entre outros) ou de forma minuciosa percebidos nas diversas regulações de competições entre feirantes. Segundo Massey (2008), são justamente por serem espaços negociados, muitas vezes trincados por antagonismo e relações desiguais, que os tornam genuinamente público. Tudo isso se trata de políticas espaciais, já que as feiras completam-se por lugares de negociação de intensa heterogeneidade de trajetórias.

Para entendermos essas diversas trajetórias e marcas, era preciso propor um outro olhar, uma outra grafia. Estava diante de um desafio: grafar o espaço sob outras perspectivas, outras geografias. Dizer sobre o lugar de diferentes interesses, territórios, gestos... Era preciso produzir formas não só de se imaginar o lugar, mas também de percebê-lo. Um meio para isso foi a Imagem.

O contexto atual nos remete a um mundo constituído por imagens, onde a sua relação com o homem mudou. Basta lembrarmos das excessivas exposições de fotografias na internet. Todavia, não estávamos por propor somente uma representação visual do mundo, queríamos entender aquilo que o mundo queria nos dizer.

Com a fotografia, desvendaram-se as coleções de histórias, as relações materiais e simbólicas e pontos de integração de espaço e tempo que compõem esse lugar. Ali, com aquelas fotografias, começamos a identificar as diversas temporalidades, cruzamentos de trajetórias e caminhos trocados em um espaço que, embora coletivo, é fruto de diferentes relações individuais sentidas e vivenciadas em um espaço urbano. É o que nos fala Bondía (2002) sobre as experiências: “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.” (Bondía, 2002. p.

27). E com aquelas fotografias, foi possível capturar a subjetividade dos lugares e construir um pensamento a partir daquilo que se vê do mundo.

Logo, foi a partir das imagens, das narrativas daqueles que vivem a Feira de Glória que conseguimos chegar ao decalque do real, a evidência do que se tem a dizer sobre o lugar, as marcas da cultura. É com esse modo de imaginar o lugar, que deixamos essa nova experiência de se geografar o mundo.

5 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston – **A Poética do Espaço** – tradução: Antonio de Pádua Danesi, -2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.- (Tópicos).

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BONDIÁ, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Nº19, Jan-Abr, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf - Acesso: 10/04/2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. R.J. ed. Bertrand, 2004.

_____. **Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão**. In: CASTRO, Iná E. et al (org). Geografia: Conceitos e temas. RJ. Bertrand Brasil, 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAIS, Ione R. D.; ARAÚJO, Marcos Antônio A. de. **Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)**. [Em linha]. Caminhos da Geografia. Disponível em: http://www.ig.ufu/caminhos_de_geografia.html - Acesso em 12/10/2009.

OLIVEIRA JR., Wencesláo M. de. **Imaginação e Pesquisa: Apontamentos e Fugas a partir d’a Poética do Espaço** Educ. Soc., Campinas, vol 29, n. 105, p. 1237-1245, set./dez. 2008 1237 Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em: 24/08/2009.

_____. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

PELLEJERO, Eduardo. Ficciones políticas y políticas de La ficción: La sociedade como una trama de relatos. Disponível em:
<<http://cfcul.fc.ul.pt/equipa/3cfculegíveis/eduardo%20pellejero/polificción.doc>>.
Acesso em 28/09/2010.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Vila-floresta-cidade: território e territorialidades no espaço fílmico**. Campinas, SP. [s.n.], 2009.

_____. **A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.11, n.2, p.33-53, jun. 2010.

SANTANA, Mario Rubens C. **Caráter territorial urbano das redes**. Diálogos & Ciência. Revista da rede de ensino FTC. Ano v, n. 11, set. 2007. Disponível em:
<<http://www.agb.org.br/eveto/download.php?idTrabalho=617>>
Acesso em:28/09/2010.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de ET al (org.). Geografia: Conceitos e temas. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77 – 116.

VEDANA Viviane, **Fazer a Feira: estudo etnográfico sobre as artes de fazer de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto urbano de Porto Alegre, RS**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.